

Ana Elisa Ribeiro

Leitura, escrita e edição

Três links ilustrados de um memorial acadêmico e profissional

Ana Elisa Ribeiro

Leitura, escrita e edição

Três links ilustrados de um memorial acadêmico e profissional

Memorial apresentado ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais | CEFET-MG como requisito parcial para promoção à Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT.

julho
2020

Apresentado e defendido publicamente em **10 de agosto de 2020**,
perante a Comissão Especial constituída pelos professores titulares:

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Nápoles Villela (Presidente)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia Gruszynski
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Carla Viana Coscarelli
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

APRESENTAÇÃO

Este documento foi elaborado conforme prescrição do Regulamento do CEFET-MG, Resolução CD – 048/13, de 16 de dezembro de 2013, para a promoção de docentes à Classe de Professor Titular em seus artigos 30 e 42.

Art. 30 – Se optar por memorial, o documento a ser produzido conterá descrição contextualizada das atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, que serão as mesmas relatadas na avaliação definida no Art. 7º, para o caso de docente da Carreira do Magistério Superior, ou definida no Art. 14, para o caso de docente da Carreira do Magistério do EBTT, e será julgado, principalmente, pela sua eficácia como peça de comprovação formal dessas atividades.

Art. 42 – Na defesa pública de memorial, ou na defesa de tese, o postulante será avaliado em dois quesitos mutuamente exclusivos:

1 – Avaliação objetiva sobre a comprovação formal do GGH – Grau Geral de Habilitação definido no Art. 11, para o caso de docente da Carreira do Magistério Superior, ou no Art. 18, para o caso de docente da Carreira do Magistério do EBTT.

2 – Apreciação subjetiva da redação do memorial e do desempenho do postulante na sua defesa pública, ou, no caso de defesa de tese, da qualidade da monografia (redação e qualidade científica) e do desempenho do postulante na sua defesa pública.

Sumário

Iniciar, iniciações, primeiras formações.....	7
Outra fase: primeiro grau e segundo grau.....	11
Episódio na poesia.....	20
Parênteses necessários I: bibliotecas	24
Parênteses necessários II: o computador	25
Vestibular	28
Ensino superior: Letras	29
Bolsista de extensão	33
Bolsista de Iniciação Científica.....	36
Intercorrências e caminhos cruzados	37
Parênteses necessários III: um primeiro livro de poemas	39
Vida profissional	44
Formação pós-graduada.....	47
Mestrado	48
Professora da educação básica e... editora assistente	50
Parênteses necessários IV: outro livro de poemas, indo mais longe	54
Especializações	60
Parênteses necessários V: bibliografias e performatividade	63
Doutorado	65
Enfim, o CEFET-MG.....	68
Ensino e administração.....	70
Mais ensino, criação, pesquisa e extensão	72
Jornada e Festa.....	74
Parênteses necessários VI: Livros infantis e juvenis	76
Eixos, elos, mãos dadas	79
Parênteses necessários VII: duas Sonias e uma Carla	80
Parênteses necessários VIII: Poesia, sempre	81
Hoje e além	82
Agradecimentos	86
Créditos	86
Anexos	87



*Uma vida é curta
para mais de um sonho*

Paulo Leminski | *Quarenta clics em Curitiba*

*Nada foi
feito o sonhado
mas foi bem-vindo
feito tudo
fosse lindo*

Paulo Leminski | *Caprichos & Relaxos*

*isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além*

Paulo Leminski | *Distraídos venceremos* (incenso fosse música)

*Apostava-se a vida no que acreditávamos ser maior que a nossa própria vida.
Encher de sentido o tempo era, então, mais urgente pois tão passageiro,
urgência de marcar o mundo com nossa existência,
mesmo que arriscando-nos a torná-la ainda mais breve.*

Maria Valéria Rezende | *Outros cantos*

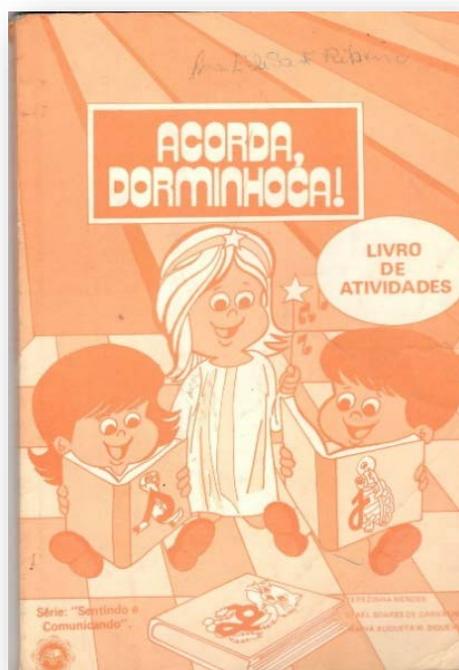


Iniciar, iniciações, primeiras formações

De que ponto da vida deve começar o memorial de uma professora de língua materna e escritora que sempre esteve envolvida com as palavras? Onde deve estar o ponto de partida quando os aspectos tidos como pessoais e profissionais jamais se diferenciaram? A linha de corte inicial de uma escritora, onde deve estar? Na primeira publicação de um livro ou no *desejo* de ser escritora? A professora, a partir de quando passou a existir? Desde a formatura ou antes, quando das imitações de aulas feitas em casa, desde criança? Que distância há entre as vidas de professora, editora e escritora? Quando cada uma dessas profissões pôde ser assumida por mim e, mais, *reconhecida* em mim? Que elemento funcionou sempre, a um só tempo, como eixo e como elo entre essas atuações e me trouxe até aqui? Certamente, a paixão pela língua portuguesa e pelos livros.

Estas memórias acadêmico-profissionais – ilustradas ou multimodais, como é de se esperar – poderiam tomar como ponto de partida meu processo de alfabetização, como provavelmente ocorre a muitas narrativas deste tipo. No entanto, parece-me que minha trajetória de leitora (e até mesmo de escritora) começa um tanto antes dos exercícios da cartilha *Acorda, Dorminhoca*, de Teresinha Mendes, Stael Carvalho e Maria A. Siqueira. As práticas leitoras da família e, especialmente, uma vontade infinita de aprender a ler são, em grande medida, os elementos responsáveis por minha entrada na cultura escrita. Não uma entrada hesitante ou obrigada, mas uma voluntariosa inserção nas práticas aprendidas com meus pais e avós, mesmo que ainda não envolvessem propriamente os livros. Mais tarde, aprendi que isso pode se chamar “prática de letramento” ou “ambiente alfabetizador”, quando não “agência de letramento”. Por agora, quero explicitar que grande parcela das

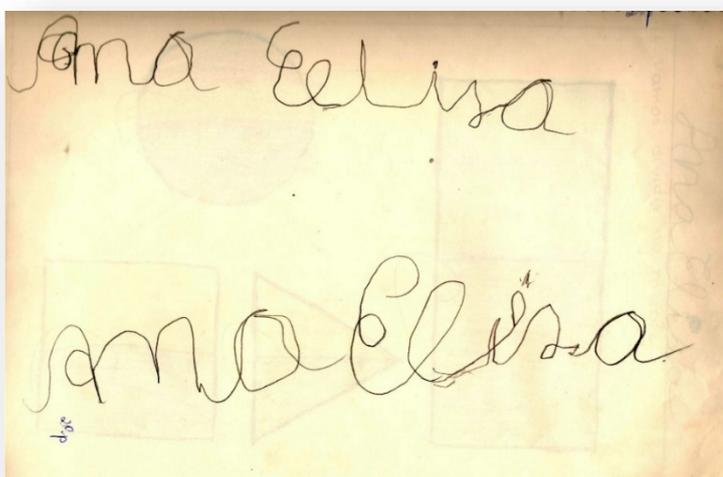
Capa da **cartilha de alfabetização**, com meu nome – a proprietária – no topo.



imagens e dos fac-símiles aqui mostrados compõem meu acervo pessoal, construído, em parte, por minha mãe, **Maria Carmen Ferreira Ribeiro**, e outra parte por mim, que aprendi a fazer isso com ela: a cuidar da memória e a não desprezar a documentação.

As práticas importantes para a família, especialmente para meu pai, estavam ligadas a jornais e revistas. O jornal era lido com concentração, diariamente, à mesa do almoço. Com o tempo, os quatro filhos aprenderam a pescar os cadernos que o pai já havia lido, sob seus braços, meio furtiva e ansiosamente. A mim cabia o caderno de Cultura, onde eu aprendia sobre literatura, cinema e TV; onde eu lia crônicas e aprendia que algumas pessoas, neste mundo, têm o texto como eixo de suas vidas profissionais. Era uma grande esperança para a neta de operários da fábrica de tecidos do Cachoeirinha.

As revistas exigiam mais paciência. Geralmente, tratava-se de uma conhecida revista semanal, assinada por meu pai, que líamos sempre com uma semana de atraso em relação ao chefe da casa. E aprendemos, então, a ler a imprensa escrita, cultivando gosto ora por colunas de esportes, de carros, de crônica, resumos de novelas, horóscopos, piadas, ora pelas tirinhas e pelos cartuns.



Primeiras escritas do meu nome.

Os livros vieram mais tarde, pelas mãos de tias e avós, que os colecionavam parcimoniosamente. Se em casa não havia tantos livros, exceto alguns de caráter técnico, na casa da avó materna havia estantes grandes, apinhadas de clássicos da literatura mundial, em especial russos e franceses, em

coleções completas, de capa dura. Da tia emprestei diversos livros de bolso, considerados “para a minha idade”. Da avó vieram coleções de Machado de Assis ou de José de Alencar, além de obras como *Germinal* (E. Zola) ou *Ana Karênina* (L. Tolstói).

Para iniciar minha escalada pelas estantes da casa da avó, foi necessário, antes, passar por um bem-sucedido processo de alfabetização, conduzido principalmente pela professora **Fátima**, no que se chamava, à época, de Pré-primário. A escola infantil, onde a maior parte das crianças do bairro estudava, esmerava-se em nos ensinar a ler pelo método “sintético”. Nem método, nem exercícios e sequer imagens me vêm à memória a respeito dessa época. O produto dela, no entanto, me acompanha até hoje. A leitura jamais saiu da minha vida, tornando-se uma prática realmente diária, tal como mais tarde viria a ser a escrita.



Página de um livro em que a professora, depois de um **exercício de leitura**, elogiava minha fluência. Em setembro de 1983, um de meus maiores desejos era saber ler. Anos mais tarde, na Iniciação Científica, eu e colegas estudaríamos criticamente, via linguística textual, esse tipo de cartilha e texto.

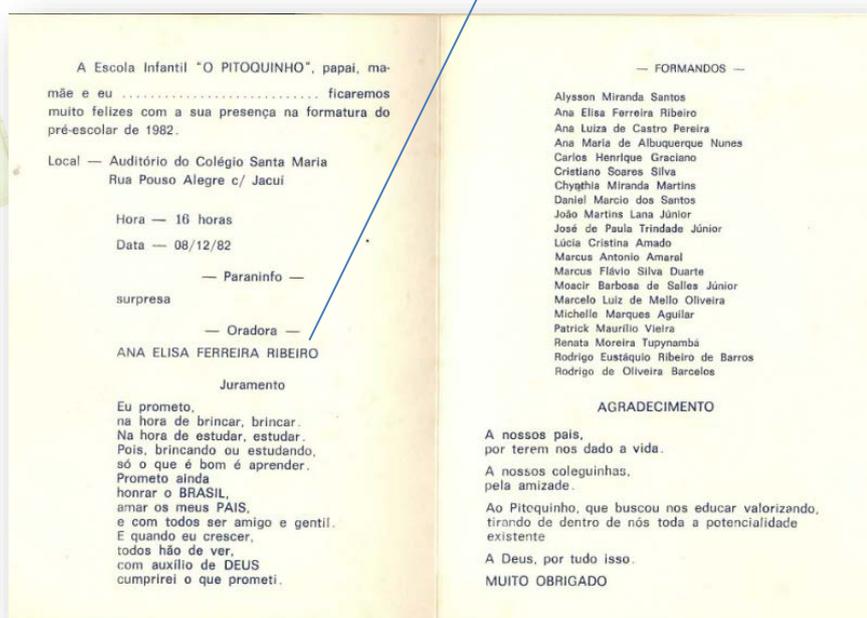
Outra fase: primeiro grau e segundo grau

O grupo escolar estadual onde estudei – **Escola Estadual Mariano de Abreu** – ajudou a sedimentar meu processo de alfabetização, assim como a entrada no colégio municipal, onde cursei da quinta à oitava séries (o ensino fundamental II, na atualidade) e o segundo grau (hoje, ensino médio). Exceto pela educação infantil, a escola pública foi o espaço em que me encontrei com os livros, os textos, os professores e a escrita, inclusive a literária. A E. E. Mariano de Abreu ficava a algumas quadras de minha casa, diante das casas de meus avós, e concentrava a meninada do bairro Cachoeirinha, localidade que se desenvolveu junto com a cidade de Belo Horizonte, urbanizando-se em decorrência da implantação da indústria têxtil.

Descíamos as nossas ruas em direção ao prédio antigo da escola, a pé, encontrando outros grupos de crianças pelas esquinas, e logo adentrávamos um portão de ferro de folha dupla, onde uma professora fazia as vezes de porteira. Nossos uniformes de tergal azul e meias brancas eram inspecionados e seguíamos para o pátio central, onde deveríamos fazer uma oração e cantar o Hino Nacional. Depois, subíamos as escadas em direção aos corredores que levavam às salas de aula. Ali, tomávamos contato com, entre outras coisas, a leitura de textos, e era o que me interessava, muito fortemente.



Convite e programa da **formatura na educação infantil** ou "jardim", quando fui a oradora da turminha.



Ela só, né, todos os
 alunos da Escola Estadual
 Mauano de Abreu estamos
 de greve há 2 semanas atag,
 e eu estou catando coisas
 para fazer.

dia 9 (nove) de
 junho de 1986 (mil
 novecentos e oitenta e
 seis).
 Que coisa horrível
 é a greve.

~~Elisa Ribeiro~~
 Elisa Ribeiro

Nesta página de um **caderno da quarta série** do primeiro grau (atual fundamental I), início uma longa relação com as greves da educação, eventos com os quais convivo até os dias de hoje. Mais abaixo, treino minha assinatura, que tomou forma parecida com a que tem até agora.

O Aná

Álbuns que eu já fiz.

Rock / Rica - Pau / fofura / não com / plitei nem um

Eu já

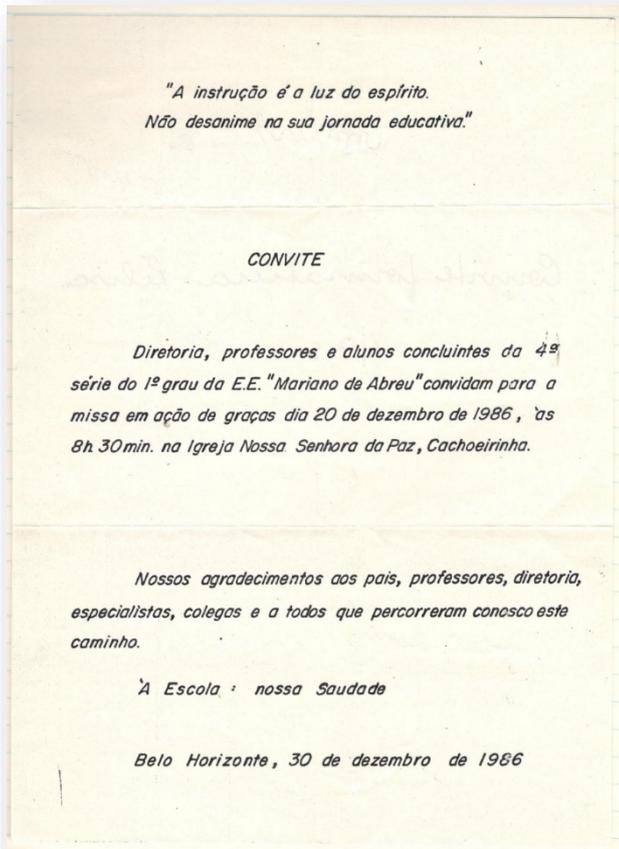
Eu já / Eu já fiz os álbuns / Rock Rica Pau

Ana Elisa Fofura Ribeiro
 U. F. M. G.

U - universidade / U - universidade
 F - federal / F - federal
 M - de Minas / M de Minas
 G - Gerais / G - Gerais

o sonho
 a realidade

Página de **caderno da quarta série** do primeiro grau (atual fundamental I) em que, embaixo, escrevi a sigla UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Anos mais tarde, ao organizar e guardar esses cadernos, minha mãe anotou: "o sonho". Quando ela me mostrou esses guardados, anos depois, eu mesma anotei: "a realidade". A página está em um caderno de 1986, quando eu tinha 11 anos.



Convite da formatura da Escola Estadual Mariano de Abreu, primeiras séries do ensino fundamental, em dezembro de 1986.

Cartão comprovante de inscrição para a prova de seleção do Colégio Municipal Marconi, em dezembro de 1986. O Marconi era "outro mundo", naquela ocasião. Uma escola de prestígio, "difícil" e a 50 minutos de ônibus da minha casa. Foi a lotação 1203 que me levou até lá, por vários anos, desde que minha mãe me ensinou a tomar ônibus, quando iniciei a quinta série.

COLÉGIO MUNICIPAL MARCONI

EXAMES DE SELEÇÃO

RETRATO 3 x 4

NOME: Elma Elisa Ferreira Ribeiro

N.º DE INSCRIÇÃO: 0040

Série: 10 / Grau: 10 / Turno: TRDE

VICE: _____

Assinatura do Secretário: [assinatura]

PROVAS

HORÁRIO

PORTUGUÊS: DIA 21-12-86 HORAS 8:00

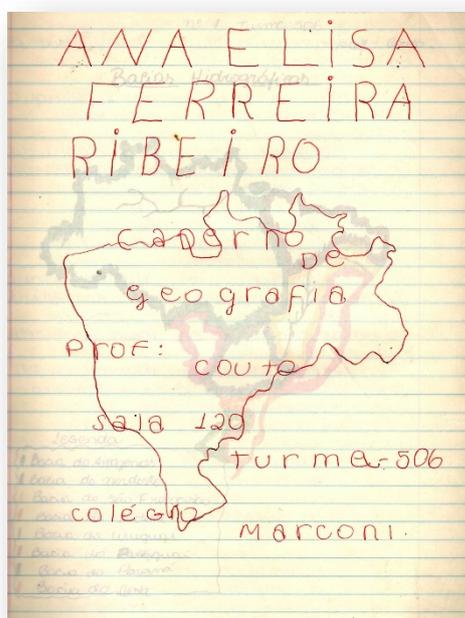
MATEMÁTICA: DIA 21-12-86 HORAS 8:00

LOCAL: SALA 110

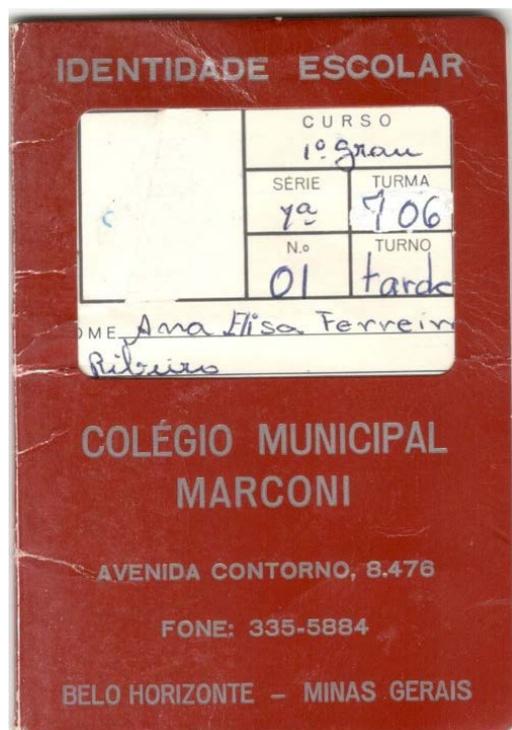
O **Colégio Municipal Marconi**, onde estudei por vários anos, até fazer o vestibular, foi o responsável principal pela consolidação de meu letramento (inclusive literário) e por meu gosto especial pelas letras, que se tornaram, mais tarde, minha profissão. Nessa escola, não apenas percebi minha maior dedicação às disciplinas do núcleo de ciências humanas, como obtive apoio e encontrei parceiros para participar de concursos de poesia, fundar o jornal dos alunos e atuar nos eventos ligados à literatura.



Detalhe do **caderno de desenho da quinta série**, já no Colégio Municipal Marconi. Um dia ensolarado na lotação 1203 – Gutierrez I/Cachoeirinha. A linha foi extinta há vários anos. Antes disso, mandei fazer uma réplica em madeira, que fica em meu escritório.



Primeira página do **caderno de Geografia da quinta série**, no CMM.



Identidade escolar que chamávamos de “caderneta”. Nela, já no acesso principal da escola (pelos fundos), um porteiro carrancudo carimbava a palavra “compareceu”, na linha referente ao dia do mês. Quando faltávamos, ele carimbava também “ausente”, no dia respectivo. Somei muitas dessas cadernetas, de cores diferentes, ao longo dos anos de Colégio Municipal Marconi. As fotos 3x4 foram arrancadas por mim, para outros usos, ao longo da vida.

Com o apoio meio lânguido da professora de Português e a firmeza do diretor, professor de Matemática, nosso jornal, já no ensino médio, era o resultado de incansáveis reuniões para definir pautas, diagramação e forma de financiamento. O diretor prometeu-nos as cópias e passamos então a dirigir nossa imprensa escolar. É importante lembrar que, naquela época (início da década de 1990), a escola acabara de receber um único computador, máquina alienígena que ficou trancada em uma sala secreta enquanto estudamos lá. Nosso trabalho na edição do jornal era manual e dependia de nossos talentos verbo-visuais mais genuínos e criativos.

Escrever, revisar e diagramar não eram operações simples. O produto disso, tornando-se público, aumentava nossa responsabilidade, mas também nosso capricho. Os colegas que desenhavam bem ali exercitavam seus talentos de cartunistas, quadrinistas e publicitários (a maioria deles atua, hoje, na Comunicação Social); os estudantes mais afeitos ao trabalho com o texto verbal eram os responsáveis pelas matérias, crônicas e notas ligadas ao dia a dia da escola. E fazíamos tudo em nossas máquinas de escrever, manipuladas para uma diagramação precária, mas satisfatória aos nossos olhos pouco educados para a programação visual profissional.

Roteiro para produção de um jornal sobre a Olimpíada da escola, em 1994. O texto foi datilografado por mim, na máquina Hermes Baby do meu pai. Minha atuação era a de uma editora.

JORNAL ATLANTA OLIMPÍADA : 207 - 1994

- capa
- manchetes
- ⊖ descrição e comentários sobre a festa de abertura
- entrevista com um dos professores de educação física
- ⊖ entrevista com alguns atores que participaram do teatro da festa de abertura
- entrevista com Karina Lemos, campeã de aeróbica sobre suas impressões e importância de praticar esportes
- ⊖ entrevista com o campeão e a campeã do atletismo
- entrevista com o campeão e a campeã de natação
- comentários sobre os jogos e campeões de handball, football, volleyball e outros esportes
- ⊖ quadrinhos
- ⊖ poema sobre esportes e estética + - Ois
- ⊖ pesquisa sobre os jogos olímpicos (curta e objetiva)
- ⊖ pesquisa sobre qual foi o país de origem de cada modalidade disputada nesta olimpíada do Marconi
- ⊖ quadro do ranking (resultados) de todos os esportes
- ⊖ artigo sobre "O mal da ociosidade"
- ⊖ artigo sobre o esporte e a boa alimentação
- entrevista com outro professor de educação física sobre suas impressões sobre a olimpíada (se satisfaz suas expectativas)
- ⊖ crítica à olimpíada (construtivas e destrutivas) poema do Ois
- ⊖ participação de todos. Falta a entrevista / pesquisa "alunos" prof. educ. física

Este trabalho é referente à toda a turma 207, embora vá ser feito por apenas alguns, mas explico que isto deve-se ao fato de que sendo assim, pode-se confiar mais na qualidade final do trabalho.

- capa e impressão - Sérgio Cruz
- manchetes, entrevista com o campeão e a campeã de natação, artigo sobre o esporte e a boa alimentação, revisão de texto - Ana Elisa Ribeiro
- ⊖ descrição e comentários sobre a festa de abertura, crítica à olimpíada - Gisele Moreira
- ⊖ quadrinhos, entrevista com Karina Lemos - Vinícius Rocha
- ⊖ quadro de ranking - Vinícius Caldeira
- ⊖ pesquisa sobre jogos olímpicos - Rodrigo Rezende
- ⊖ pesquisa sobre o país de origem de cada jogo - Maria Tereza
- ⊖ comentários sobre os jogos de handball - Flávia Borges

Página de peça de teatro de minha autoria sobre a "política do café-com-leite" para a aula de História, datilografado na mesma Hermes Baby portátil que meu pai me emprestava. Não é possível mostrar aqui, mas eu produzia também vídeos artesanais, usando uma câmera de mão e dois videocassetes.

Para Elisa 207

CENA 1 - Política do café-com-leite

Narrador - no Brasil de 1927, ainda vivia a política do café-com-leite. Os presidentes eleitos seguiam e seguinte ordem: um paulista, um mineiro, um paulista, um mineiro, e assim por diante. Até que neste mesmo ano, ou seja, 1927, a sucessão presidencial sofreu um desequilíbrio e o presidente em exercício Washington Luís, em vez de indicar para o cargo um mineiro, já que ele era paulista, indicou um outro paulista, Júlio Prestes, então governador do Estado de São Paulo. O Governador de Minas Gerais, Antônio Carlos, que já se considerava o próximo presidente da República, quebrou a cara e aconteceu o seguinte:

está um bebendo café ou leite garçopete servindo a platina - TERESA
(cena de uma fila enorme com várias pessoas com plaquetinhas escritas "paulista" e "mineiro" alternadamente. De repente aparecem duas plaquetas de "paulista" e dá uma briga porque o mineiro de trás percebe e diz que :)

Companhia ?

paulista (Washington) - Oi meu amigo, pode passar aqui e ficar atrás de mim!
paulista (Júlio Prestes) - Sim claro, muito obrigado!
mineiro (Antônio Carlos) - Pô, que que isso aqui? O próximo sou eu! Como é que esse cara vai entrando assim na minha frente? Eu sou mineiro e você (aponta para Washington) é paulista, a ordem é esta, este outro aí (empurra Júlio) é pra depois.
paulista (W) - Mas eu quero que ele seja o próximo!
mineiro (A) - Mas não é assim que as coisas são!
Paulista (W) - Não interessa! Eu quero o Julinho depois de mim e pronto! Você não pode fazer nada contra isto!
BANHO
mineiro - Ah não? Veremos... espera aí só um pouquinho (vai lá dentro e busca dois caras com plaquetas escritas "Paraibano" e "Rio Grande do Sul".)
mineiro - Veja agora o que você vai fazer, trouxe aqui a Aliança Liberal formada por mim e dois amigos meus, o João Pessoa e o Getúlio Vargas, e mais alguns grupos de oposição...
(Getúlio com sotaque gaúcho) - Oi? Como vão?
(João Pessoa com sotaque Nordestino) - Oi bichim, como vão?
Paulista (W) - Urra meu, mas nem falar direito eles sabem?
mineiro - Isso, malta mesmo, vamos ver quem vai ser o próximo presidente... saem todos

NARRADOR - Houve uma eleição porém o Brasil estava numa indecisão só e numa bagunça eleitoral incrível. O povo saía às ruas, a Aliança Liberal forçava de um lado, etc. Até que um junta militar exigiu a renúncia de Washington Luís e depois ela mesma assumiu o governo provisoriamente. Só que os revolucionários não aceitaram e o governo foi então entregue a Getúlio Vargas:

Getúlio - Bah guris, agora eu sou o presidente! Vamos fazer um monte de coisas por este país.

Um dos números do jornal *Bihebdomário*, fundado e executado por um grupo de colegas, sob a supervisão de professores e com recursos do Colégio Municipal Marconi. No Expediente, eu usava o pseudônimo Anael, conforme consta.



Tomei de empréstimo a máquina Hermes Baby de meu pai (mais uma vez, ele), uma portátil em forma de maleta, uma espécie de notebook primitivo, que inscrevia letras que imitavam cursivas. Um charme na época, embora só mais tarde eu fosse compreender a aparente contradição envolvida nessas questões de tecnologias e interfaces que “remidiam” as anteriores.

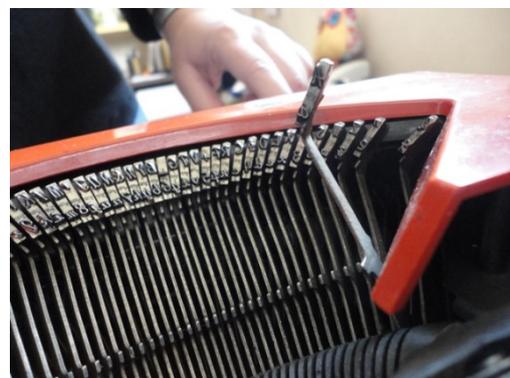
Aos 15 ou 16 anos, ganhei minha própria máquina, uma Olivetti também portátil, com letras de imprensa, apta a reproduzir páginas que se pareciam mais com as dos jornais diários que aprendemos a ler em casa.

Paralelamente às aulas do ensino médio “científico”, com tópicos memoráveis de matemática, química, física e gramática, corriam nossos projetos

coletivos na poesia e no jornalismo escolar. Tudo levado muito a sério, ao ponto de nos envolver em discussões acaloradas sobre temas e textos.



A máquina **Hermes Baby** e sua letra manuscrita, minha marca nos textos da escola. Empréstimo do meu pai, exímio datilógrafo. Ele tentou me ensinar a datilografar corretamente, mas não tive paciência e já tinha meus vícios ergonômicos. De fato, não precisei. Minha mãe, anos depois, me deu de presente uma Olivetti College portátil, que está em meu escritório.



Episódio na poesia

Memorável o dia em que conheci a poesia e o poeta que mudaram meu modo de ver o mundo e a literatura: Paulo Leminski. À época, a escola adotava apostilas e alguns livros didáticos, ainda sem relação com processos de avaliação ou planos nacionais. A apostila de literatura guardava alguma relação com nosso professor das artes literárias, na verdade um amante do teatro.

As aulas aconteciam, em geral, de forma expositiva, pontilhadas por provas e exercícios. Aos professores cabia falar muito sobre determinados assuntos predeterminados por uma matriz curricular fechada. Uns mestres falavam mais, outros menos. Estes costumavam entrar em sala e dar o comando: “abram a apostila na página X”, e ouvia-se o som do folhear coletivo dos alunos de literatura. Vez ou outra, o professor mandava saltar páginas, evitando que lêssemos isto ou aquilo. E num desses saltos indesculpáveis estava um poema de Paulo Leminski.

A curiosidade não me permitia saltar páginas sem espiar seu conteúdo. Lá estava, explícita, uma poesia leve, curta, epigramática, inteligente e pouco

parecida com o que conhecíamos sobre a poesia até então. Talvez fosse essa a razão do pulo que antecedia nossa ignorância sobre autores e estilos.

Li Leminski e nunca mais parei. Se já me arriscava a escrever poemas desde a quinta série, quando ganhei uma agenda de presente, senti-me ainda mais autorizada a me atrever pelos textos literários. Somou-se a isso o apoio de um namorado amante das letras, cuja irmã, jornalista experiente, me deu as mãos, definitivamente, rumo à produção poética.

Naquela época, então, depois de muita escrita, muito papel amassado e muita timidez, fui incentivada a participar de um concurso literário promovido pelo maior jornal do estado, e ganhei. Não se ganhava dinheiro nem fama. O que ganhei foi muito mais importante: confiança, respeito, incentivo e a publicação de meu poema nas páginas do jornal mais lido de Minas Gerais.

Página do jornal *Estado de Minas* com o resultado do concurso de poemas da Rádio Educativa. Meu poema tinha o título de "Ignomínia", palavra que tive de explicar a vários parentes, curiosos com minha façanha esquisita.

Sexta-feira, 4 de novembro de 1994

Gabarito

ESTADO DE MINAS

Primavera é tempo de poesia

Eles tiraram das gavetas todas as rimas e não rimas. Mostraram suas facetas de poeta, loucos e apaixonados. A promoção 107 Mostra Poesia, realizada pela Fundação Rádio Educativa Promove, abriu o espaço e a moçada entendeu que já estava na hora de colocar mais gás nessa máquina. Foram 200 poesias de todos os cantos de Belo Horizonte. As 15 melhores foram lidas no ar, dentro da programação normal da rádio, durante toda essa semana, por artistas locais.

As quatro melhores você confere aqui no CABARITO.

Silêncio

Eu grito
enquanto o corpo me suporta
porque o silêncio me incomoda
E chamo
enquanto o canto me escapa:
- o amor que tenho apenas dorme.

*Marcos Vinicius de Souza, 25 anos,
aluno do Curso de Letras da UFMG*

Ignomínia

Calha que venha à luz
o som da palavra doce
o choro dissimulado
A poesia acontece por acaso
mas um acaso estertórico
diabólico, ventilado
A razão digere todo o poema
engole a metáfora viva
como o sol engoliu Ipanema
Calha que venha à luz
o show da palavra espíria
nascida de broto em árvore
A poesia insere na letra
o som, o tom e a máscara
de quem a cria desonesta.

*Ana Elisa Ferreira Ribeiro, 19 anos, aluna do 2.^o
ano científico do Colégio Marconi*

Ternura

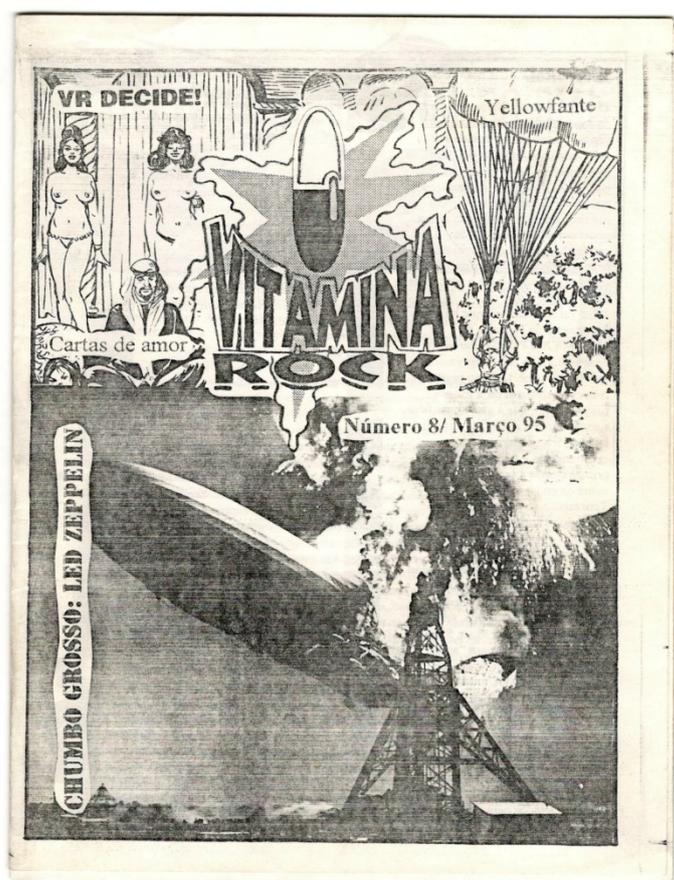
Na ternura do gesto
É, que mudo, o amor se mostra.
Que me caiba o perdão

**PAPA ESSA,
CARA!**



Nem sempre foi fácil. Minha paixão desmedida pelos textos, pelos livros e pelas línguas transformou-se em um conflito importante, na adolescência. Essa competência não era muito valorizada socialmente, o caminho seria trilhado sem interlocução e eu me desinteressei completamente do restante dos assuntos escolares. Assumi os vocais de uma banda de rock, passei a querer apenas leitura e música. Isso me levou a uma profunda crise de identidade, à perda de percepção de sentido na vida, até que fui reprovada na primeira série do ensino médio. Obviamente, tal reprovação só complicou a relação com a família e a retomada do sentido do projeto que sempre me guiou: ser escritora e, quem sabe, editora. Em algum tempo e com a companhia de algumas pessoas, me aprumei e segui firme, em direção ao que eu queria.

Esta parece uma seção de um memorial de alguém que poderia seguir a carreira não de linguista, mas de estudiosa da literatura, talvez da poesia, especificamente. É preciso esclarecer, no entanto, que a paixão pela linguagem e por seus arranjos só ganharia força na graduação em Letras, outro capítulo desta trajetória dedicada.



Capa do fanzine impresso *Vitamina Rock* (1995), editado em Belo Horizonte por Wagner Merije e outros. Soube da existência desse zine pelo jornal *Estado de Minas* e tratei de enviar meus textos, que foram publicados nesse número. Depois de receber, com alegria, este exemplar, cheguei a escrever uma carta aos editores, fazendo severa crítica à diagramação. O atrevimento, ainda bem, não chegou a ser enviado, que eu me lembre. A carta foi datilografada e está ainda nos meus arquivos. Anos mais tarde, Merije tornou-se um amigo.

Em 1993, eu já havia tentado publicar um livro de poemas nada mais nada menos que na editora Brasiliense, certamente inspirada nos livros de Paulo Leminski que consegui encontrar. Não tenho ideia de que poemas enviei à editora na época, mas esse é o **educado Não de Danda Prado**, a primeira editora (mulher) com que tive contato.



São Paulo, 08 de julho de 1993

Ana Elisa F. Ribeiro
R. Cônego Santana, 251
Cachoeirinha
31130-450 Belo Horizonte - MG

Ref.: Poesias

Prezada Ana Elisa,

agradeço sua oferta, mas infelizmente não estamos, no momento, publicando poesias.

Tente concursos, jornais ou revistas. Não desanime!

Cordialmente,

Danda Prado

editora brasiliense soc. an.

01139-903 - av. marquês de são vicente, 1771 - cx. postal 8142 - telegr. edibrasda - tel. 825-0122 - fax 67-3024 - telex 33271 dbim - são paulo - sp - brasil

Parênteses necessários I: bibliotecas

O Colégio Municipal Marconi tinha uma biblioteca. Não era bonita e nem arejada. Como muitas, funcionava em uma espécie de porão, no subsolo do prédio principal, com entrada externa, após um lance de escadas. Não era um espaço onde os estudantes gostassem de estar. Afora as raras atividades desenvolvidas ali, éramos apenas um grupinho que se dedicava à procura de livros naquelas estantes escuras e empoeiradas.

O segredo da biblioteca era que ali, além dos volumes antigos e restaurados, estavam os livros que “caíam no vestibular”. Eram volumes novos, recém-comprados, pouco usados e que funcionavam, também, como a chave para o vestibular, nossa meta no futuro próximo.

Naquele ano, aproximadamente 1993, a Universidade Federal de Minas Gerais adotou obras de autores contemporâneos vivos, uma raridade compreensível nos processos anteriores e posteriores. Antes disso, uma literatura omitida nas salas de aula já nos havia encontrado, como fora o caso de Ana Cristina César e Carlos Herculano Lopes. Mas naquele ano, especialmente, conhecemos João Ubaldo Ribeiro e Ignácio de Loyola Brandão, em obras comentadas por eles mesmos, em palestras e eventos promovidos por cursinhos pré-vestibular.

A biblioteca escolar foi, ainda que precariamente, uma fonte de leitura e discussões para mim, espaço onde eu aprendi a circular pelas obras, procurá-las, associá-las a outras e a lastimar devolvê-las. Começou nessa época, portanto, minha intenção inabalável de ter minha própria biblioteca.

Parênteses necessários II: o computador

As questões do letramento digital marcaram minha vida. Meu interesse por elas começou nos usos dos computadores pessoais, por necessidades escolares ou por minha simples vontade de fazer trabalhos e de tornar meus “livros” de poemas “mais bonitos”.

Tenho aqui meu primeiro “original” de livro de poemas datilografado e espiralado. Ainda posso me lembrar com afeto do dia em que resolvi encadernar aquelas folhas, dando-lhes certa feição de códice. Um livro precário, é certo, mas já uma espécie de protolivro. Desci, fui à papelaria, encadernei o volume e voltei para casa, subindo as ladeiras, abraçada a ele. Colei adesivo, assinei. Era uma paixão ter um livro. Um dia, ele seria, quem sabe, feito em editora.

*A mesma pessoa que participou, ativa e generosamente, de minha formação como leitora de literatura foi também quem ativou meus letramentos digitais. Minha tia **Silvinha**, engenheira civil, depois professora de Matemática do IFMG, era a única pessoa próxima que eu conhecia que operava de casa um PC. Era para o escritório dela, no porão da casa dos meus avós, que eu me dirigia quando precisava fazer um trabalho ou aprender algo. Mais adiante, uma situação em especial, na graduação em Letras, fará muita diferença em minha vida, mas até aqui, Silvinha me ensinava a usar o Word para diagramar um trabalho de Geografia, fazer capa e imprimir, numa impressora matricial. Era mágico ver aquelas folhas saindo tão bonitas, e com a letra que a gente escolhesse.*

Quando entrei na UFMG, foi com a Silvinha que aprendi mais usos possíveis do computador, até que ela, tendo ido atuar na Vale, em Carajás, no Pará, doou o PC para nossa família. Nas cartas que me enviava de lá, é possível flagrar episódios em que ela fala do computador, me ensina sobre ele e ajuda a nos acostumarmos com a novidade. Isso era, como se vê, em 1996, momento exato da relativa difusão dessa tecnologia no Brasil, ainda sem acesso amplo à internet.

Carajás, 21 de dezembro de 1996

Ah! minha boreca!
 Como foi bom receber sua cartinha! Aqui, toda notícia que chega emociona.
 O trabalho é ótimo, tem de tudo um pouco. Eu sou coordenadora de projetos civis - Fiscol da CIDR. Com isto eu estabeleço o serviço análise o projeto e orçamento, acompanho a obra e entrego o serviço pronto. Vai ser uma experiência ótima. Eu não moro só. Moro em uma república com uma psicóloga - Sra Cristina. Ela é super gente boa.
 Aqui tem muita gente de terras boas, e isso ajuda bastante, na saudade.
 Você disse - O seu computador... - O computador não é mais meu. Ele agora é de vocês e espero que todos fiquem craques no uso desta máquina porque fiquei super feliz pelo eles mereceram. O bebê tá ficando mais complicado, mas sinto que vou aí e encho os tapetes onde já se falbento que ainda não

Cartas da tia Silvinha, então morando e trabalhando em Carajás, no Pará. À direita, ela reitera a doação do PC; à esquerda, me elogia por estar "ficando craque no computador". Essa interação era uma espécie de letramento digital a distância.

Carajás, 28 de dezembro de 1996

Lili, que lindo! Você está ficando craque no computador!
 Mas estas minhas solurinhas gostam de me fazer chorar.
 Tem mais novidades aí de Belo?
 Como vão as coisas? Titina já parou?
 Fiz reserva para o carnaval pela Vaig. Se o serviço deixar, eu estarei aí para sambar em Bti.
 Sabe que você me deu uma grande ideia? eu estava mandando cartas, pagando a taxa normal. Depois que vi sua envelope, lembrei da "carta social". tomara que aqui o correio saiba disso - tem que saber!
 Um enorme abraço para todos.
 Silvinha

Carajás 01 de Abril de 1997 ①

Vou responder tua carta "tequindo os estímulos":

1. Lili, são 4 anos
 - Ana Elisa
 - Ana Cristina
 - Anna Flávia
 - e Renata Lilianna
2. Sobre o computador:
 - Os 19 diretores podem ter sido criados por mim ou por vocês mesmo. Alguém aí precisa estudar um pouco de DOS pra dar uma geral de vez em quando.
 - O tal "Pascal" deve ser algum arquivo do tinha. pode Apagar. Aquela Programa (compilador) que eu tinha.
 - A memória deve estar velha. Aliás o computador era originalmente de 4Mb. Eu instalei mais 4. As velhas têm 4 anos.
 - A placa de Fax não devia estar instalada mesmo. Eu só ia preocupar-me com isso quando fosse instalar a internet. Como não despena a fazer.

A vida é sempre mais doce com você!



Carta da tia Silvinha, ainda morando e trabalhando em Carajás, no Pará. Aqui ela comenta vários tópicos sobre usos do computador e da internet.

Cuidado com o Win95. ele dá pau às vezes. ②

Principalmente se ele instalou por cima do 3.1

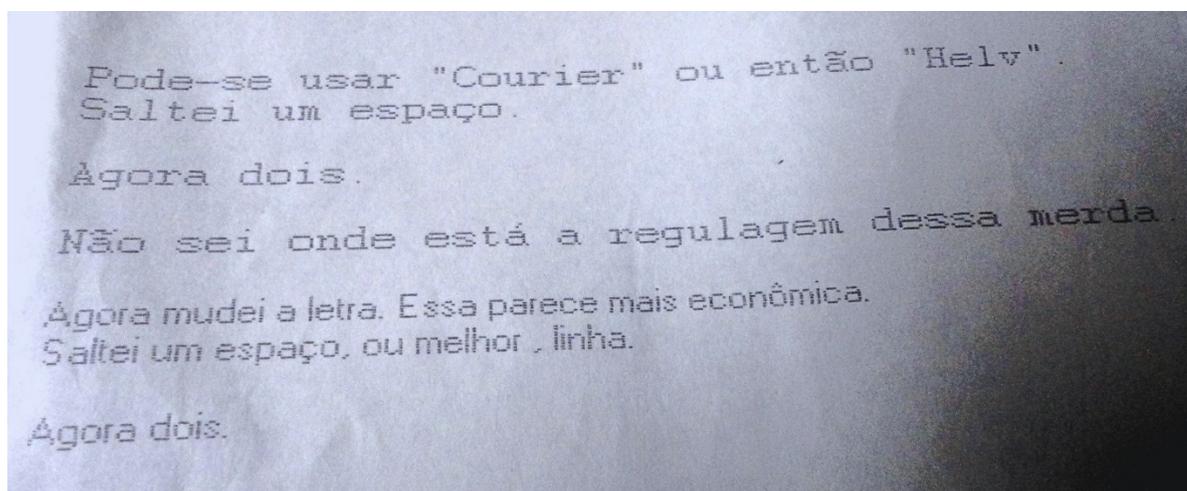
- É pra morrer de vergonha mesmo. O rapaz ficou aí 4 horas e você não ofereceu nem um lanchinho?!?

3. Estágios são bons. Eu mesma fiz vários. Mas acho que você age certo quando fica na Universidade. Rapaz deve ter um objetivo na mente, e trabalhar para alcançá-lo.
4. Eu já tinha escrito esta outra carta. Só que não tinha tempo de por no correio.
5. Que legal! Você madrinha da Flavinha! Ué se não esqueci da aflhada!
6. Adorávamos receber foto. Aliás, faz uma

Até a chuva fica bonita, com você ao meu lado!



Primeira folha que imprimi na vida, escrita no computador da tia Silvinha.
Minhas experimentações nem sempre pacientes com o Word, que me serviria bem por toda a vida.



Vestibular

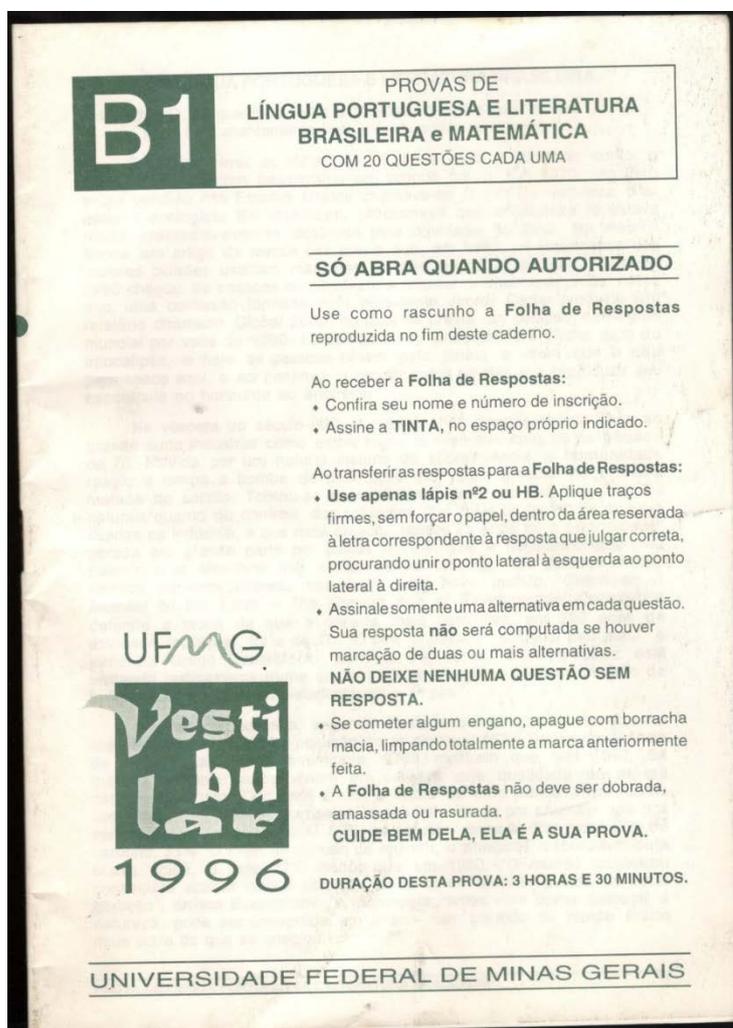
No terceiro ano do segundo grau (atual ensino médio), todos os temores do mundo nos assolavam, especialmente aqueles que diziam respeito ao futuro acadêmico e profissional, ainda mais quando se era uma aluna "repetente", mais velha que os/as colegas de turma, mas querida por eles/as. Com essa turma do terceiro ano do ensino médio fiz amizades que duram até hoje e se reforçam em um grupo de WhatsApp. O mesmo ocorreu, incrivelmente, a alguns colegas de cursinho pré-vestibular, na época o Pitágoras, no centro da cidade.

Os colegas da vida inteira se dissipariam na multidão de aprovados (e reprovados) nos vestibulares. Nomes, grifes, federais, estaduais, particulares, cursinhos, cursos, tudo dependia de escolhas acertadas. Todos queriam aconselhar, induzir, criticar ou incentivar. Filha primogênita de pai médico faz o quê? Ninguém se atreveu a tentar o óbvio. Medicina não era minha especialidade. Gostava das células, das explicações sobre genética e mesmo de química orgânica, mas não havia concorrência possível para o gosto pelas palavras, paixão antiga, percebida desde a infância.

Com toda aquela trajetória povoada por livros, textos, poesia, gramática, redações e bibliotecas; com o acúmulo das leituras de vestibulares que nem eram o meu; com a paixão pelas máquinas de escrever; com tanto

lanche trocado por um livro novo, ninguém se atreveria a me desviar do meu caminho.

Para alguns, o conselho mais digno era a carreira do Direito. “Você vai ser boa nas palavras e nos argumentos”, diziam. Outros mencionavam, embora timidamente, a Comunicação Social: “vai ser repórter, vai escrever nos jornais ou apresentar o Jornal Nacional”. Mas esses palpites não passavam do que chamamos, em Minas, de “conversa fiada”. O que eu faria mesmo era o curso de Letras, de preferência o da UFMG, onde seria aluna de grandes professores e pesquisadores.



Caderno da prova de Língua Portuguesa do vestibular da UFMG, em 1995/1996.

Ensino superior: Letras

Passei. Passei bem-colocada, pronta para assumir todas as tarefas do mundo no meu curso de graduação. Enfim, **Universidade Federal de Minas Gerais**, como eu imaginava lá na Escola Estadual Mariano de Abreu, tantos anos antes.

Na graduação, fazíamos um Ciclo Básico na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Fafich, no qual tratávamos um pouco de Sociologia, Economia e Filosofia, para então entrar realmente no curso escolhido, inclusive mudando de prédio para a imponente vizinha, a Faculdade de Letras, no belo campus Pampunha da UFMG. Essa pequena mudança de endereço gerava uma grande ansiedade.

Essa transição espaço-temporal era almejada, importante. Atravessar o corredor, deixar o piso antiderrapante da Fafich e ir em direção ao (mais feio) piso de concreto da Letras era uma conquista. Que dia começaríamos a estudar gramática? E quando é que veríamos um professor doutor pela primeira vez? Eu, ao menos, pensava nisso. Parecia muito, muito distante.

No Ciclo Básico tínhamos apenas uma disciplina de Letras – Língua Portuguesa I. Para minha admiração, logo no primeiro dia de aula, adentrou a sala Maria da Graça Costa Val, *autora de um livro* (!) que víamos circular nas mãos dos estudantes (*Redação e textualidade*). Foi muito importante ter contato com ela logo de início, quando aprendemos os primeiríssimos passos nos estudos do texto, do discurso e da língua; quando discutimos concepções de língua e linguagem.

A Fale oferecia, então, a modalidade licenciatura (com algumas disciplinas na Faculdade de Educação) e oito línguas, entre elas o português. Cursávamos Latim I e II como disciplinas obrigatórias e tínhamos módulos de estudos linguísticos, além das teorias da literatura respectivas à língua escolhida. No meu caso, foi sempre o português, minha paixão desde os primeiros contatos com a fala, ainda criança.

Cursei disciplinas obrigatórias e optativas, experimentei sobrevoos pelo cinema, pela psicanálise, pela fonética e pela Análise do Discurso. Fazia em torno de nove ou dez disciplinas por semestre, engajada em estudar e em descobrir meu caminho dentro da Faculdade. Já no primeiro período, tinha a intenção de fazer Iniciação Científica, trilhando alguns passos na direção da pesquisa. Ainda

era cedo. A Fale só permitia alunos de IC com pelo menos dois períodos cursados. O jeito, então, era procurar alguma alternativa.

GILBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA	LETRAS
GILSON SOARES XAVIER	ADRIANA ANTUNES ROSSI
GIOVANI CESAR DA SILVA	ADRIANA BORGES TORRES
GUSTAVO ISAC MONTEIRO DE OLIVEIRA	ADRIANA DOS SANTOS SALES
HELEN NEBIAS BARRETO	ADRIANA RACHID
ISABEL CRISTINA DOS SANTOS	ADRIANE DRUMMOND DE ALMEIDA CIDARO
ITAMAR MARTINS DE PAULA	AGUEDA MARIA COELHO COUTO
JAMIL SILVA ALEXANDRE	ALESSANDER MACHADO DA SILVA
JOSE ROBERTO CASTANHEIRA CARDOSO	ALESSANDRO PEREIRA MAJINK
LUCIANO ALVARO DE CARVALHO CUNHA	ALESSIA APARECIDA DINIZ
LUDMILA PEREIRA ALVES	ALEXANDER TORRES DE OLIVEIRA
LUIS FELIPE LIMA DO CARMO	ALEXANDRA VINICIA CARLOTA
MARCIA SOARES DIAS	ALEXANDRE AGUIAR MENDES
MARIA LUIZA FONSECA ANTUNES	ALEXANDRE FERREIRA GOMES DA SILVA
PATRICIA BARBOSA DOS SANTOS	AMANDA ALMEIDA VELOSO
PATRICIA DE SA MACHADO	AMANDA MARTINHO RIBEIRO
RAFAEL BOZZ OLLA VIEIRA	AMARILDO CAXETA GUIMARAES
RODRIGO ZOUAIN DA SILVA	ANA CRISTINA SCHERRER CUNHA
RONALDO ALVES NOGUEIRA	ANA ELISA FERREIRA RIBEIRO
ROSE APARECIDA PENNA	ANA LUCIA RODRIGUES
SIMONE GARABINI LAGES	ANA MARTINS MARQUES * AL
THAIS CUNHA DE ANDRADE	ANA PAULA FARIA DANTAS
	ANA PAULA MARTINS CORREA
GEOGRAFIA NOTURNO (LICENCIATURA)	ANAMARIA BACELETE DE MORAIS
ANDRE LUIZ ROCHA	ANDRE LUIZ GOMES
ANTONIA MARIA DIAS AVELAR	ANDREA BELO LISBOA DIAS
ANTONIO MIRON FILHO	ANDREA CHIAVACCI
CARLOS ALBERTO GOMES	ANDREA CRISTINA ULISSES DE JESUS
CESAR RIBEIRO MARQUES	ANDREA MOARAES FERREIRA GUEDES
CLAUDIO ELIAS MORAES DA SILVA	ANDREIA DE FATIMA LOPES
ELAINE ELIZABETH ALVES	ANDREIA MARCONDELI
ELIANE FERREIRA DA SILVA	BEATRIZ PINTO SIQUEIRA
ELIANO DE SOUZA MARTINS FREITAS	BELNINI JERRY SCARI
EMERSON MAYRINK DE ARAUJO	BRENDA MARA ALVES
FABIO BORGES DA SILVA	BRENO LUIZ LARANJEIRA SOBRINHO JUNIOR
GILBERTO JACINTO	CAMILA MACEDO JORGE
GILMAR JOSE DA SILVA	CAMILA PRADO DE OLIVEIRA
JANIO DE SOUSA GODOI	CARLA CRISTINA DA SILVA
JOSE GERALDO DE MORAES	CARLOS ANTONIO DA COSTA
JULIANA REZENDE MOSCATELLI SILVA	CAROLINA AMARAL DUARTE
LUIZ RENATO GONCALVES	CAROLINA VINTE DE ANDRADE SANDINHA
MARCONI HENRIQUE DA SILVA	CECILIA MARIA MORAES SILVA
MARIA APARECIDA CECILIA MENDES	CELI NUNES SOARES
MARK ANTONIO STEWART	CESAR AUGUSTO PERILLO FERNANDES
MARKOS HENRIKI FERREIRA DE SOUZA	CLAUDIA CESARIO MONTEIRO
MELCHIADES AMARAL CARREIRA VIZEU NETO	CLAUDIA CRISTINA PEREIRA
NEY LUCIO DA SILVA	CLAUDIA MARCIA BRUM
PAULO FERRAZ DE OLIVEIRA	CLEIDE APARECIDA DOS SANTOS
ROSANGELA FATIMA LACERDA	CLEIDMAR PEREIRA DA COSTA
TANIA CRISTINA RAMOS DA CRUZ	CLELIA MARCIA FELIX DA SILVA
VINICIUS FITTIPALDI FERNANDES	CLIVE TAIT
WALTER EDUARDO ROSA CRUZ	CRASSO DE OLIVEIRA
WASHINGTON FRANCO DEL COUTO	CRISTIANE DE FREITAS XAVIER
WASHINGTON LANES DOMINGUES	CRISTIANE GALLO MARQUES
	CYNTHIA FELICIANO DA SILVA
GEOLOGIA	CYNTHIA LARA ROSENBERG
ALVARO CUNHA FIGUEIREDO	DALVA JORGE EMILIANO PACHECO
ARY BRUM JUNIOR	DANIEL CALDAS CHAVES
BERNARDO HORTA DE CERQUEIRA VIANA	DANIELA LIDIA MOREIRA GIANTURCO
CASSIO RICARDO DE AVILA	DANIELE MONTEIRO MOREIRA
CHARLE FERREIRA DE ALMEIDA	DANIELLE AMARAL MACIEL
DANIEL PINHEIRO	DEBORA FERNANDES DE MIRANDA
DOUGLAS FREDERICO GUIMARAES SANTIAGO	DILENE APARECIDA DA COSTA
EDIMAR VIEIRA TEIXEIRA	EDIRLAINE CLAUDIA SILVA
ERIC ALEXANDRE DUARTE FERREIRA	ELAINE PETERSEN MORAIS
FERNANDA GUIMARAES PEREIRA	ELIANA SILVA MACHADO
FRED VINICIUS RODRIGUES RIBEIRO	ELIANE APARECIDA VILACA
FREDERICO AUGUSTO DE OLIVEIRA	ELIZETE MARIA DE SOUZA
ISAU GONCALVES DE OLIVEIRA	ELSON DE SOUSA LOPES
JESSIKA JONES DE ARAUJO FRANÇA	ERIKA ALMEIDA CARVALHO DE SALLES
KARLA SAMIRA DE SOUZA SIMAO	EUGENIO PACELLI DA COSTA NEVES
LARYSSA RIBEIRO BARROS MIRANDA SA	EVERLAN STUTZ SOUZA
LEONARDO DE MORAES SOARES	EZEQUIAS ELIUD GOMES
LEONARDO SOUZA MARTINS	FABIANA BRANDAO SILVA AMORIM
LUIS ALBERTO LOPES MOLINA	FABIANE LAUBE
MARIA TERESA PAZINI NEIVA	FABIANO BOTELHO DA ROCHA
MARIO AUGUSTO D'ANGELO PORTO	FABIO FERNANDES MALTA STOCKLER
NELSON COSTA	FABIO HENRIQUE DE ARAUJO SANTOS
PAULO EDUARDO BRACHER JUNIOR	FADUA JULIANA DE FREITAS
PAULO ROBERTO DE SOUZA MANSO	FADUA MARIA DRUMMOND CHEQUER
PEDRO IVO DA SILVA PONTES	FERNANDA AMARAL LOPES
RODRIGO PINTO BRAGA	FERNANDA DE FATIMA SERAKIDES
RODRIGO RIGEL PEREIRA VIGNE	FERNANDA NOBRE
ROSALINE CRISTINA FIGUEIREDO E SILVA	FERNANDA TEIXEIRA BATISTA
VIVIANE CRISTINA ALVES PEREIRA	FERNANDO FERNANDES DOS SANTOS
VILADIMIR PRADOS ROSA	FLAVIA BIASO BACHA MAGALHAES
	FLAVIA GUIMARAES DE OLIVEIRA
HISTORIA DIURNO (LICENCIATURA)	FLAVIA LOPES DO NASCIMENTO
ALESSANDRA DE CARLA ALMEIDA E SILVA	FLAVIANE RIBEIRO NAZARIO
	GEOVANNA DAS GRACAS ROSA REQUELU

Lista de aprovados/as no vestibular 1996 da UFMG publicada no jornal *Estado de Minas*. A marcação a caneta destaca meu nome, os nomes de duas colegas e o primeiro lugar do curso, com asterisco, Ana Martins Marques, colega que, mais tarde, viria a se tornar uma poeta reconhecida em todo o país.

Meu encantamento pelos estudos linguísticos provavelmente foi despertado naquele momento em que Graça Costa Val começou a dar aulas, nos primeiros dias de curso. Sorte a nossa. A força dos estudos literários era grande na Faculdade, atraía muitas inteligências, mas os estudos do texto e do discurso me pareciam ainda mais atraentes. Os módulos com Mário Perini, César Reis e Mike Dillinger ajudaram a clarear os objetos da linguística, muitos e muito diversos, introduzindo os estudantes numa outra senda cheia de possibilidades.

Sala de aula, exposições e leituras não eram tudo e não eram suficientes. Eu queria pesquisar, saber o que aqueles professores faziam em seus gabinetes (aquelas salas com seus nomes nas plaquinhas da porta) ao longo dos dias, conhecer os tais métodos de pesquisa, aprender como alguém se torna autor e publica textos que todos leem e citam depois (doce ilusão...).

Bolsista de extensão

Eu andava pelos corredores da Faculdade de Letras muitas vezes por dia e lia avisos e cartazes pregados nas paredes. Os murais de estágios e projetos estavam sempre lá, cheios de regras e prazos. Em um deles, um dia, observei um processo seletivo para ser bolsista de extensão da UFMG, no projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, coordenado pela profa. **Sônia Maria de Melo Queiroz**, doutoranda na PUC-SP. Embora eu fosse aluna do segundo período, decidi me aventurar nessa seleção, ao menos para experimentar uma concorrência nova. Inscrevi-me e fui chamada para uma prova.

Éramos cerca de quinze candidatos, de diversos períodos (inclusive dos últimos) e nossa tarefa era ler uma narrativa oral, gravada no Vale do Jequitinhonha (MG), e recriá-la, empregando os recursos que achássemos pertinentes e alterando-lhe o foco narrativo. Nada mal para quem estava justamente envolvida com a leitura de *Grande sertão: veredas* e tinha simpatia pelos “causos” mineiros.

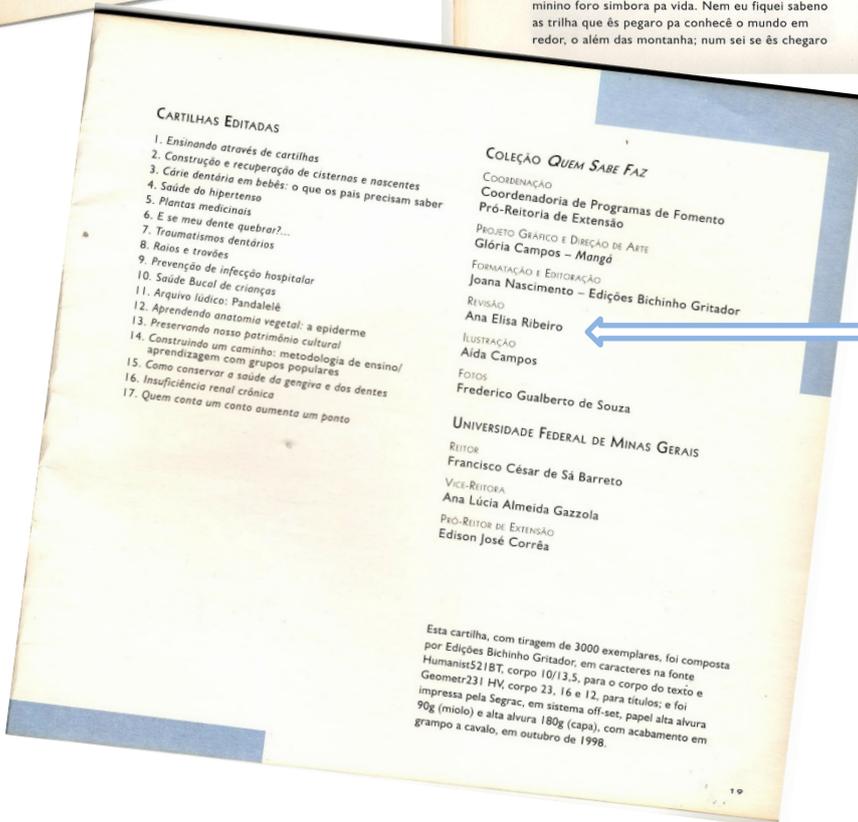
Fui aprovada nesse processo seletivo com um texto, “Tristeza nos caminhos da roça”, que, mais tarde, foi publicado em uma cartilha dirigida a professores do ensino básico. A publicação fazia parte da coleção Quem Sabe Faz, da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. Não me dei conta, na época, da

importância desse episódio para minha formação acadêmica. Não me parecia incomum publicar um texto. Parecia-me uma tarefa inerente aos meus afazeres.

Sonia Queiroz foi minha orientadora por quatro anos, o que incluiu o período em que fui bolsista de extensão e trabalhei no projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto” e o tempo que ela me contratou como assistente de sua pesquisa de doutorado, também sobre narrativas orais.

Nessa época, conheci obras de Paul Zumthor, Roland Barthes, Umberto Eco e transitei pelos estudos da sociolinguística, fazendo análises de transcrições da fala dos moradores do Vale do Jequitinhonha. Participei de cursos para professores da rede pública do interior de Minas, fui coautora de apostilas e de material de apoio, viajei para cidades do norte mineiro e aprendi centenas de “causos” e histórias (dos quais me servi depois, no processo de letramento do meu filho). Essa experiência extensionista e o contato com Sonia Queiroz definiram parte do que se tornou minha identidade profissional e de pesquisadora, até hoje.

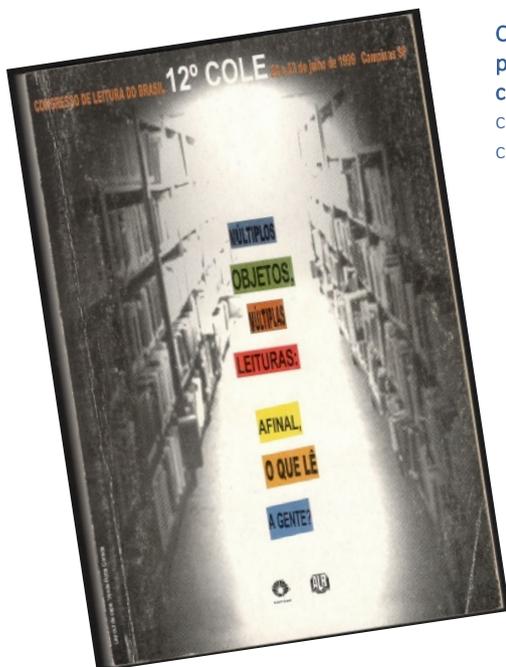
Cartilha do projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto”, publicada pela UFMG na coleção “Quem sabe faz”. Nela, há um reconto de história oral do Vale do Jequitinhonha produzido por mim, já na prova de seleção para bolsista do projeto. Jamais me esqueci da entrevista que a profa. Sônia Queiroz fez comigo, após aprovar meu texto. Depois de tecer elogios às soluções que dei ao conto, ela me perguntou se eu sabia usar o programa Word, no computador. Fez essa pergunta com certo tom de obviedade, só para constar. Eu, notando o risco que corria minha aprovação, disse que “sim, claro”, mas não sabia sequer ligar um PC. Minhas primeiras incursões com a máquina haviam sido no ano anterior, ainda no ensino médio, mas com a ajuda de minha tia Silvinha, a mesma que me emprestara livros quando adolescente. Saí da UFMG diretamente para a casa da minha avó, para que minha tia me ensinasse, num curso intensivo, como me virar no Word. Sônia só soube disso mais de uma década depois, quando contei, em meio a risadas. Ela jamais notou minha peripécia. Bem, usar o computador tornou-se imperativo, mas eu só tinha acesso a um na própria faculdade. Esta cartilha foi também, provavelmente, meu primeiro crédito como “revisora de textos”, atuação importante em minha vida, daí em diante.



Bolsista de Iniciação Científica

Paralelamente às minhas atividades como extensionista, já sem bolsa, era hora de procurar a **Iniciação Científica**. Nesse ínterim, eu havia experimentado aulas de português para estrangeiros, inclusive dando um breve curso na Fiat Automóveis, mas percebi logo que não me identificava com a discussão. Os estudos de linguagem, especialmente os do texto, me encantavam mais, motivo pelo qual me candidatei a uma das duas vagas propostas pelo professor **Marco Antônio Vieira**, linguista em visita à UFMG.

Eu e minha colega Regina Alves fomos aprovadas. O orientador tratou logo de nos indicar leituras sobre coesão e coerência, de nos apresentar Robert de Beaugrande, Halliday & Hasan e de nos falar do método científico. Fomos bolsistas por dois anos, estudando coesão em textos de crianças do ensino fundamental (1ª a 4ª série) coletados por um projeto maior. Nesse período, no ano de 1999, participamos de nosso primeiro evento científico, o Congresso de Leitura do Brasil (COLE), na Unicamp. Nossa primeira experiência de publicação de resumo, de percepção de um evento grande como aquele e de exposição oral para uma plateia de pesquisadores. Tremi, tremi como nunca, antes de começar, mas senti uma grande alegria, sentimento que nunca me escapou, quando a tarefa era pesquisar-escrever-mostrar.



Capa do livro de resumos do 12º COLE, em 1999, primeiro evento acadêmico de que participei como apresentadora de trabalho, em coautoria com o orientador de Iniciação Científica e uma colega de Letras.

Dois anos depois, terminada a IC, passei à experiência docente, tornando-me bolsista de extensão no **Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos (PEMJA)** da UFMG, que funcionava à noite, no Colégio Técnico da universidade. Lá, fui professora de Português e Literatura de funcionários da UFMG, que tinham a oportunidade de cursar o ensino médio tardiamente (em relação ao período regular). A experiência como professora de todas as aquelas pessoas, por três semestres (o último como voluntária), me transformou completamente e mudou minha percepção sobre a docência.

Formei-me, então, nesta ordem: licenciada em português e bacharel em Letras pela UFMG, de 1996 a 1999. Era a primeira turma de bacharéis daquela década, depois de uma retomada ainda um pouco inespecífica (esta é uma luta longa, que conta, ainda em 2020, com a professora Sônia Queiroz, mas o bacharelado, agora, tem contornos mais nítidos). O estágio no PEMJA serviu-me também como Prática de Ensino para a Faculdade de Educação, ajudando a integralizar meu grau de licenciada, no qual eu ainda não sabia se iria atuar. Minha intenção jamais foi ser professora. Minha paixão era (e é) lidar com livros, mas a chance só veio quando, naquele exato momento, tornou-se possível pedir continuidade de estudos e cursar Letras, por mais seis meses, a fim de obter o grau de bacharel. Para isso, seria necessário escrever um Trabalho de Conclusão de Curso. E foi uma nova paixão.

Intercorrências e caminhos cruzados

Ao longo dos dois anos de Iniciação Científica com o rigoroso prof. Marco Antônio Vieira, que jamais fazia elogios, exceto quando a pesquisa terminava, dediquei fortemente minha atenção à linguística, especialmente à linguística do texto. Um dia, durante uma orientação no gabinete dele, Marco anunciou que chegaria ali uma de suas orientandas de doutorado, professora da Faculdade de Letras. Foi assim que conheci a professora **Carla Viana Coscarelli**, numa espécie de “irmandade orientacional”. Depois disso, me inscrevi nas disciplinas dela e cultivei uma longa relação de orientação e amizade. Certa vez, em uma de suas aulas iniciais de oficina de leitura e produção de textos, deu-se o seguinte diálogo, que Carla gosta de contar até hoje:

- Pessoal, o que vocês querem ser quando crescerem? Pensem aí alguma coisa bem legal para quando vocês se formarem, quando se tornarem profissionais.

Cada estudante da turma deu uma resposta:

- Quero ser uma professora que faça a diferença.
- Quero ser diretor de escola.
- Quero ser piloto de avião.
- Quero ser... isto e aquilo.

Eu, de cabeça meio baixa, talvez um tanto desinteressada das dificuldades alheias, mantive-me em silêncio. Carla, então, me olhou, solicitando minha resposta, que foi precisamente esta:

- Quero ser referência bibliográfica.

Não, eu não disse isso com antipatia. Não disse isso arrogantemente. Não disse isso com ar superior. Eu disse isso porque a única coisa que eu realmente queria na vida era publicar livros. De dentro e de fora de uma editora.

A Faculdade de Letras, nessa época, como já dito, havia retomado o bacharelado, ainda sem um perfil muito definido, mas que me abriu uma porta diferente daquela que a licenciatura abria. Eu ainda não tinha certeza sobre se queria ser professora, talvez soubesse das minhas limitações. A carreira de pesquisadora me atraía muito e, mais ainda, a edição de livros, tema que me fez procurar, com insucesso, por toda a graduação, disciplinas que me esclarecessem sobre o papel do editor ou a dinâmica de nosso mercado editorial.

Para minha sorte, num daqueles anos, já cursando o bacharelado (paralelamente à licenciatura), Jânia Ramos nos deu aulas de Sociolinguística. Um tópico do plano de curso me acendeu as esperanças de compreender aspectos da revisão de textos. Além dele, foi de muito proveito conhecer obras de Peter Burke sobre história cultural da linguagem.

Aqui, três frentes importantes começaram a se misturar em minha trajetória, amalgamadas de tal forma que parecem uma só: a edição, a docência e a pesquisa. Vejamos: minha aproximação com a professora Carla Coscarelli se transformou em orientação, depois da qual defendi meu **TCC** intitulado ***O leitor na leitura***, em que eu relatava e analisava uma atividade de leitura executada com os alunos do PEMJA; enquanto eu cumpria a disciplina final da licenciatura na Faculdade de Educação, Prática de Ensino, com Célia Abicalil Belmiro, Sônia Queiroz, minha ex-orientadora de extensão, coordenadora da produção dos Cadernos Viva Voz, ex-editora da Editora da UFMG, experiente na produção de

livros em Minas Gerais, sabia de meu interesse profundo pela produção editorial e me indicou para estagiar na **Editora Lê**, onde uma equipe de autores trabalhava na produção de uma coleção de livros didáticos de Português; como estudantes de licenciatura, era nossa tarefa assistir às aulas de um professor de Português (ou Literatura) e participar da vida na escola do ensino básico. A experiência no PEMJA, como professora bolsista de turmas de jovens e adultos, foi validada como estágio da disciplina de Prática de Ensino. Iniciei aí minha formação em serviço, tanto como professora da educação básica quanto como assistente editorial.



Nunca fui muito afeita a cerimônias, nem a festas de formatura com pompa. Sempre achava que o mais importante ainda estava por vir. Nesta peça, meus pais participam a **formatura** da filha a parentes, amigos e conhecidos, sem grandes eventos. Na realidade, minha formatura foi comemorada junto de meu aniversário, naquele 1999.

Parênteses necessários III: um primeiro livro de poemas

*Durante a graduação em Letras, lancei, enfim, meu primeiro livro de poesia. E, como não poderia deixar de ser, dele fez parte uma professora da Faculdade de Letras, a tradutora e ensaísta **Myriam Ávila**, filha dos poetas Affonso Ávila e **Laís Corrêa de Araújo** (e irmã de Carlos Ávila, também poeta e editor de suplementos literários). Myriam, na verdade, entregou a tarefa de “edição” de meu primeiro livro à sua mãe, o que muito me honra até hoje. Laís é uma de nossas maiores poetisas. Por meio de bilhetes e cartas, traçamos o desenho de Poesinha.*

As imagens a seguir permitem conhecer parte do processo de edição de Poesinha, um dos volumes da Coleção Poesia Orbital, que, em 1997, compunha o rol de eventos comemorativos oficiais pelos 100 anos de Belo Horizonte. Nessa coleção, com a ajuda financeira de meu pai, lancei um livro que me trouxe uma nova rede intelectual, na cidade e em Minas Gerais, alterando minha rota como escritora.

Carta à professora e tradutora Myriam Ávila que deixei em seu escaninho, na UFMG,
pedindo ajuda para os paratextos

Belo Horizonte, 20 de maio de 1997

Professora Myriam Ávila,

Fui sua aluna no semestre passado na disciplina Teoria da Literatura I, turno da manhã. Meu nome é Ana Elisa Ferreira Ribeiro... não sei se você se lembra de mim... Soube que está dando aula à noite e por isso não tive mais a oportunidade de encontrá-la. Por isso mesmo utilizo-me desta carta para fazer algumas perguntinhas "literárias".

Na verdade, o que desejo pedir a você é um grande favor!

Não sei se você sabe bem do que se trata, mas há um projeto de lançamento de 100 livros e poetas previsto para o final deste ano (novembro) e eu estou incluída nessa centena de escritores. O nome do projeto é *Poesia Orbital* e ele vem sendo orientado por algumas pessoas como o professor Carlos Eduardo Novaes, Marcelo Dolabella e outros poetas e jornalistas. Parece ser um trabalho sério e que valerá também como comemoração pelos 100 anos de Belo Horizonte. Acontece que o livro já tem um formato: 11 x 18, 32 folhas, etc etc e tal. Mas, o que interessa mesmo é a parte interna, o conteúdo.

A capa é padronizada e terá um desenho feito por um amigo meu. Uma das orelhas terá dados biográficos. A contracapa terá um texto padrão para todos os livros da coleção e a outra orelha deverá ter uma apreciação da obra do autor feita por alguém que entenda do assunto. Professora, adivinha a quem pensei em pedir esse favor?

Será que eu poderia deixar com você uma via do que será o livro para que você leia, aprecie e comente? Eu preciso de um texto pequeno e achei que seria muito interessante que fosse feito e assinado por você, afinal, é a Myriam Ávila! Tomei esta liberdade também devido ao relacionamento que tivemos em sala durante o semestre em que fui sua aluna e devido ao respeito que tenho pelo seu trabalho e sua formação.

Se for possível para você a leitura de meus poemas, se você puder escrever algo sobre eles, se preferir falar comigo pessoalmente, deixe um bilhete no departamento de Semiótica e Teoria da Literatura que irei buscá-lo com prazer e ansiedade.

Já agradecida pela atenção

sua ex-aluna
Ana Elisa

Comentários da poeta e crítica Laís Corrêa de Araújo a cada um dos poemas do original do meu primeiro livro. Não segui seus comentários à risca e nem me abalei demais com a quantidade de "ruim".

1 - Calha... (Sou ruim)
acho que deu na substituição - por
Tomara ?? ou outra
- Bom

2 - water... a fal...
- Bom

3 - Bom como este.

4 - o tom de "piede" ... perde um pouco
5 - para mim, o poema tem a só
4 linhas ruins. O resto é
conceito, retórica, etc. Diz:
" en dango
eu vira do papel
extra rabisando
há vários anos e gatos
mas eu me raiuro
o tempo todo? depois."

6 - Graitao.

7. Curioso em a piede - pura piede

8. Dispensável

9. Dispensável.

10. Preenche limpeza de autor, jogos de
palavras, etc.

11. Bom!

12. Dispensável

28. Razoável.

29. Muito racionalizado, longo e tedioso.

30. Razoável.

31. Bom. Gatos e explicações "píica" final.

32. Piadinho.

33. Bom.

34. Perfeitamente dispensável

35. Razoável

36. Gato. Ficar só o final,

37. Piadinho, mas válido.

38. Razoável

37 - Suficiente e bom.

40 - Píada boba.

41. Bom, apesar de conceitual.

42. Tom de piede ...

43. Razoável.

44 - Ruim!

45 - Ruim!

46 - sem sentido

47. Apesar do tom, salva-se a ironia.

48 - Perfeitamente dispensável.

49 - Fraco, fragmentado.

50 - Simple e bom.

51 - deixar o mistério. Razoável

52. Piadinho!

53. Razoável.

54. Bom.

13. Fraco, mas a

14 - completo, toli

15 - Fraco. Poema

16 - jogar fora o
"o pede"

17. Bre ideia, mal

18. Poema grande e
Frac. alongo:

Poema
muito em
sem unico
qualquer
me.
Amor por
poema

19. razoável

20. Razoável, entãnd

21. Razoável, muito

22. Fraco demais.

23. Tom de ser cor
"No poema
tudo ch
despedi

24. mais piede, mas

25. Razoável

26. Fragmentado...

27. Redundante, m

os - bom -
razoável.
muito e bom
muito
poema,

problemas:
- preocup
- preocup
- fragmento
- leitura
- poema
- poesia
- se

1º de julho de 1997, Belo Horizonte

Professora Myriam Ávila,

Gostaria de agradecer sua atenção para comigo e esclarecer que segui todas as instruções de sua mãe e gostei muito de ser lida por uma crítica literária de renome como Laís C. de Araújo. Imagino que tenha incomodado você ao pedir um favor tão prescindível de atenção num momento tão atribulado quanto um final de semestre, mas, não me restaram alternativas. Meu respeito por você guiou-me os passos.

Imagino que o exercício da crítica seja extremamente delicado e ousado, ainda mais quando se trata da crítica a um iniciante (como é meu caso). Mas, imagino também que você saiba o quanto é custoso o exercício de ouvir, receber a crítica... Com certeza jamais qualquer pessoa fora tão severa com relação a meus textos. Por outro lado, pouquíssimas pessoas os conheciam e nenhuma das quais amante da ou pertencente a área de Letras... sequer de Ciências Humanas. Biólogos, Médicos, Engenheiros, menos Poetas, o que soa bastante irônico.

Percebi que Laís C. de A. não gosta muito de poemas-piadas... isso me deixou um tanto desanimada porque quase tudo o que faço é visto com os olhos do humor, ainda que inocente, falho e infantil. Parece ser mesmo meu jeito e ele se imprime, se insinua em meus escritos. Talvez até mesmo em meus textos acadêmicos, o que não significa que não faça as coisas com muita seriedade. Nunca nada disso me atrapalhou. Talvez fosse interessante que outro crítico lesse meus poemas porque, certamente, não agradarei a gregos e a troianos. Mas, não há mais tempo e tudo isso me foi muito bom.

O que leio e o que vivo interfere muito no que escrevo. Acho que isso é perceptível e talvez se constitua em um grande defeito. Quando leio um poeta mais antigo, mais "certinho", escrevo assim. Quando leio um Leminski, derramo-me em piadinhas curtas e me esqueço de que não sou mesmo nenhum marginal daquele porte. Mas, cresço a cada passo.

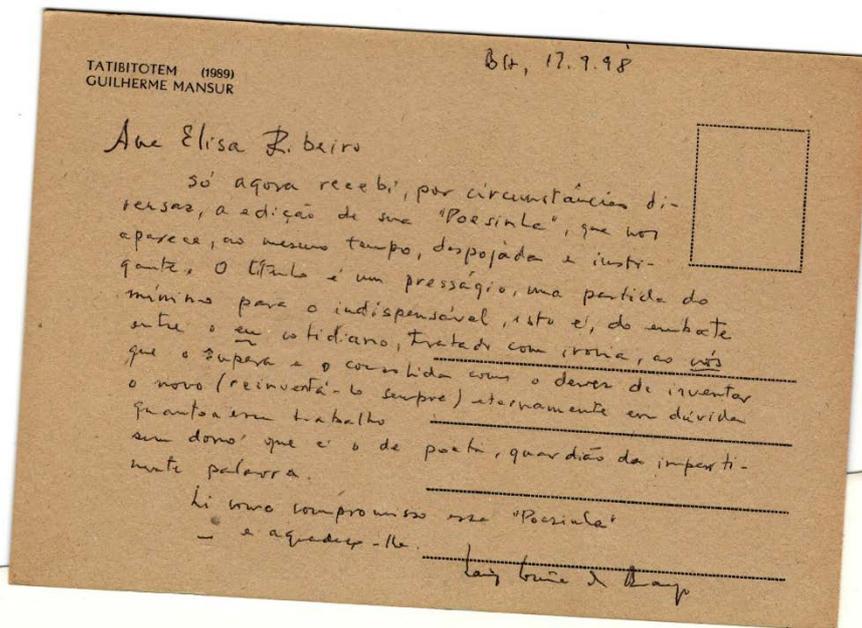
Quero agradecer-lá pelo carinho, delicadeza e atenção. Muito obrigada.

Deixo novamente meus textos, agora no formato sugerido por sua mãe.

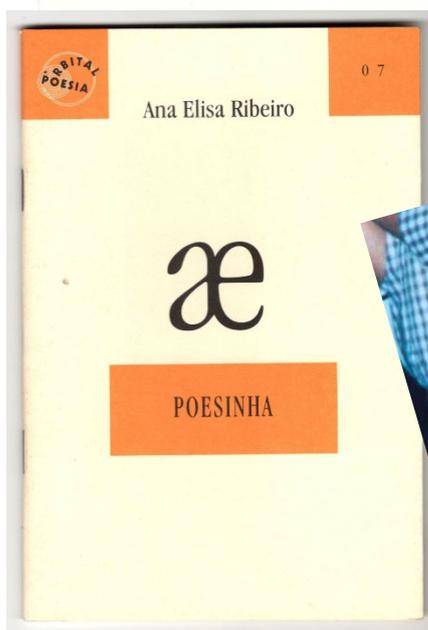
No caso de você escrever algo para a orelha de meu livro, tenho como prazo último o dia 4 de julho, sexta-feira. Para o caso de você não escrever, teria eu que recorrer, às pressas, a outra pessoa. Meu telefone é 444 2375. Qualquer imprevisto ou decisão, por favor, me avise. Virei a Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura todos os dias desta semana em busca deste volume e suas considerações.

Carinhosamente
sua ex-aluna
Ana Elisa

Cartão enviado por Laís Corrêa de Araújo, depois de receber *Poesinha*.



Ame Elisa Ribeiro
Por favor de Myriam Ávila
Em verso



Abaixo, **capa de *Poesinha***, com texto de orelha de Myriam Ávila. O livro foi dedicado a meus pais e a vários/as amigos, incluindo **Luciana Tonelli**, poeta e jornalista importantíssima nesse meu início de caminhada como escritora. Ela era a irmã mais velha de um namorado com que me relatei por vários anos. Um dos exemplares que ainda guardo de *Poesinha* pertenceu à minha tia Silvinha, precocemente falecida num acidente de carro, em 2008, fato trágico que me tirou o chão. Ela era apenas 11 anos mais velha do que eu.

A foto é do **lançamento da coleção**, na Casa do Centenário (Conservatório de Música da UFMG), e minha alegria é visível. Eram meus primeiros autógrafos, sonho desde menina.

Vida professional

Sair da universidade dava uma terrível sensação de orfandade. Toda segurança que senti lá, todo o apoio que encontrei em professoras e professores, todo o aprendizado, as muitas horas do dia naquele espaço agradável, as orientações rigorosas, as pessoas-referências que eu admirava, as bolsas de extensão ou Iniciação, tudo isso... ficaria para trás. E precisava ficar. Os afetos e as amizades se provariam duradouros e firmes, depois.

Exceto pela experiência com o ensino médio para jovens e adultos, ainda na universidade, não dei aulas assim que me formei. Ainda me atraíam a produção de livros e os mistérios de nosso mercado editorial. O estágio na Editora Lê logo foi transformado em meu primeiro emprego, na **Formato Editorial**, conhecida então pela produção de livros infantis e didáticos. Entrei na equipe de produção, o editorial, transitando entre os cuidados com os textos, os problemas de direito autoral e o trabalho da editoria de arte. Fiz amigos e parceiros de trabalho duradouros, aprendi um fluxo editorial cuidadoso e esmerado, além de conhecer profissionais externos, como ilustradores e revisores de texto. O principal: foi na Formato que aprendi a fazer livros.



Crachá de identificação como assistente editorial na Formato, mesmo grupo da Editora Lê, no início dos anos 2000.

Sonia Junqueira, conhecida autora de livros didáticos e infantis, era a chefe do editorial, responsável por grande parte das “aulas” de edição que tínhamos na sala dela e pelos corredores. Rosa Drummond (*in memoriam*), editora assistente, nos dava lições sobre legibilidade e clareza. Luiz Seixas, nosso gerente editorial paulista, nos comparava aos assistentes editoriais de grandes editoras em São Paulo. Sobre a minha mesa, ficavam as obras didáticas de

Português. Na mesa ao lado, com Jakeline Lins, ficavam as obras de História ou Geografia. Na terceira mesa, onde ficava Lucas Junqueira, também ficavam os livros de Matemática e de exatas em geral. Trabalhávamos em uma sala ampla, com computadores pessoais, softwares que não tínhamos em casa e telefones que não paravam de tocar.

Na Formato, naquela virada de milênio, assistimos de perto às mudanças tecnológicas na edição de livros impressos. Vimos o fotolito desaparecer do processo, que ficou mais barato e mais seguro. Aprendemos a fechar PDF em programas absolutamente novos e que demoravam um ou dois dias inteiros para fazer essa operação que, hoje em dia, qualquer um de nós faz em alguns segundos. Aprendemos a nos relacionar com autores e ilustradores; conhecemos iniciantes e consagrados; aprendemos a admirar o que ainda desconhecíamos. Na Formato, fomos funcionários/as: crachá, cartão de ponto, horário de almoço (a corrida ao shopping Del Rey), chefes, reuniões, 44 horas semanais, hora extra, 5S, um convívio maior com pessoas dali do que com nossas famílias. Ali, aprendi a revisar, a preparar, a avaliar, a encontrar preconceitos em palavra e imagem, a ler editais de governo, a calcular custos, a lidar com inveja, a entender hierarquias, e a editora nem era uma empresa grande. Ficávamos no segundo e último andar de um prédio simples, onde funcionava o editorial. Éramos vistos como “à-toas” pelo pessoal do térreo, onde funcionava o setor de divulgação, aquelas pessoas bem-vestidas, que andavam nos carros adesivados com a marca da empresa e divulgavam nossos livros nas escolas. No meio, o administrativo, onde pessoas de RH e de finanças trabalhavam sem muito contato conosco. Nosso elo era a Márcia, a simpática secretária, figura iluminada.

Os cerca de dois anos de aprendizado na Formato Editorial foram intensos; e vimos muitos, muitos livros serem apresentados ao mercado, ganharem prêmios e serem reconhecidos pelos professores e pelo público geral. Comemoramos aprovações em planos nacionais de livros didáticos e literários. Embora fosse extremamente prazeroso lidar com esse universo criativo e complexo, não me parecia suficiente fazer livros sem estudar o assunto, profundamente. Foi então que, em 2000, decidi por me inscrever no processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, depois de uma tentativa apressada e malfadada, em 1999.

Formação pós-graduada

Mestrado

Passei aquele ano avaliando as possibilidades profissionais existentes, pensando em conhecer São Paulo (que só conhecia brevemente, numa viagem ao MASP, durante a graduação), travando contato com profissionais do editorial. Visitei a Unicamp algumas vezes, em busca de conhecer as possibilidades de temas e orientações, quem sabe prestar o concurso para o mestrado em Campinas. Tentara o mestrado uma vez, logo após a formatura na graduação, mas tinha um projeto pouco convincente com meu orientador de Iniciação Científica. Não entrei naquele ano e fui atuar na produção de livros, experiência que eu fazia questão de ter e, se possível, nunca mais largar.

No final de 2000, após uma bateria de provas e uma entrevista difícil, fui aprovada no mestrado, na linha recém-aberta “Inter-relação entre linguagem, cognição e cultura”, para ser orientada pelo prof. **Fábio Alves da Silva Jr.** (com quem eu já tivera contato quando da participação em um grupo de estudos com as professoras Cristina Magro e Heliana Melo. Cheguei a ser bolsista de Aprimoramento Discente).

Fábio Alves era do Inglês e do Alemão, professor respeitado pelos alunos. Meu projeto, então, partia um pouco de minha monografia de bacharelado e introduzia problemas da relação entre linguagem e tecnologias digitais. A experiência editorial, a apropriação do computador, a discussão sobre o webjornalismo e os novos espaços para a leitura me sugeriram a possibilidade de pesquisar a leitura de jornais na tela, uma discussão incipiente, mas preocupante no mundo editorial (da imprensa escrita, que “migrava” para a web desde 1996, no Brasil) e importante para o tema da leitura.

Esse também foi um momento de caminhos cruzados e de escolhas difíceis; e daí em diante, haveria muitos deles. Quando anunciei na Formato a aprovação no mestrado, a primeira reação foi tentarem me demover da ideia de me pós-graduar. Chegaram a dizer que eu não precisaria, já que meu futuro na empresa seria glorioso. Quase acreditei. Naquele momento, o mundo parecia ir bem, a edição no Brasil, idem. Mas resolvi tirar a dúvida em uma conversa direta e franca com um tio, o **Fábio** (xará do meu orientador), irmão de meu pai, talvez o mais próximo e, certamente, o mais viajado e que mais entendia de empresas privadas. Fábio foi taxativo: “Jamais deixe de fazer uma coisa sua, investir em você, por causa de uma empresa que não é sua”. Foi o suficiente.

No dia seguinte, sentei-me diante de Sonia Junqueira, minha chefe, a quem eu respeitava muito e que me parecia, além de séria, sensível a cada pessoa que ali trabalhava. Eu tinha a impressão de que nossa simpatia era mútua, mas conseguir fazer o mestrado trabalhando talvez não dependesse de simpatias... Negociamos por algum tempo e chegamos a um consenso: uma tarde livre e nada mais. O malabarismo seria problema meu. E foi.

Durante o mestrado, então, continuei trabalhando, enquanto cursava disciplinas. Para minha “sorte”, Vera Menezes de Oliveira e Paiva já ministrava, há algum tempo, cursos on-line no mestrado, igualmente válidos em termos de créditos. Cursei, então, disciplinas da Linguística Aplicada via e-mail (ainda não havia ambientes virtuais de aprendizagem disponíveis, ao menos na Fale) e pude cumprir os créditos do mestrado em um ano. No segundo ano, dediquei-me à escrita da dissertação, enquanto meu orientador fazia pós-doutorado na Espanha. A interação virtual me parecia importante e eu me sentia autônoma para executar minhas atividades, sem prejuízos e com prazer.

Em julho de 2003, com uma prorrogação de três meses, defendi a dissertação *Ler na tela – Novos suportes para velhas tecnologias*, de cuja banca participaram os professores Carla Coscarelli (UFMG), Milton do Nascimento (PUC Minas) e Fábio Alves da Silva Jr. (UFMG). O Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG concedeu-me o título de **mestre em Estudos Linguísticos**, o que me abriu novas portas para a carreira de pesquisadora, mas também, quase imediatamente, para a carreira docente no ensino superior. A editora? Vejamos: minha saída da Formato Editorial ocorrera um pouco antes da defesa, decorrente da falência da editora, o que muito me abalou. Desempregada, quase mestre, a única voz que eu ouvia nitidamente, como que a dizer “não falei?”, era a do meu querido tio Fabinho. Daí, um novo ciclo começou. Tornei-me professora contratada da **Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais** (PUC Minas), dando aulas de leitura e produção de textos em vários cursos; entrei como professora substituta na Faculdade de Letras da UFMG, passando a atuar no curso de Letras, no de Ciência da Informação e no de Comunicação Social; passei a dar aulas em escolas privadas de ensino básico. Sem deixar a edição, claro.

Professora da educação básica e... editora assistente

Não aconteceu tudo simultaneamente. Não tudo. O primeiro emprego que tive depois da falência da Formato Editorial foi na Cooperativa Editora e de Cultura Médica de Minas Gerais, a Coopmed, que funciona no mesmo prédio da Faculdade de Medicina da UFMG, na região central de Belo Horizonte. Sabendo de minha disponibilidade, um colega do ensino médio, Cristiano Túlio Maciel (hoje, médico do meu filho), já engajado nas questões políticas da medicina, indicou meu nome à diretoria da cooperativa, que procurava alguém para editar revistas científicas, em especial a de Psiquiatria; livros de medicina; e o jornal da Coopmed. Dos livros didáticos e infantis à área da saúde, lá estava eu, ocupando uma saleta no antigo prédio da faculdade, depois da loja da cooperativa.

Ali, tive experiências contraditórias, às vezes desgastantes, pois não havia um processo editorial definido e detalhado, como havia na Formato. Senti, pela primeira vez, a precariedade com a qual teria de lidar, quase sem ajuda de outros/as funcionários/as e num ambiente muito tradicional, já que a Coopmed existia desde 1961. Fiz o melhor trabalho possível, assinando como editora assistente, em especial quanto à revista de psiquiatria (essas leituras de trabalho me inspiraram contos, aliás). E depois de cumprir um ciclo nessa editora, aceitei novo convite, de uma ex-colega de Formato, para seguir editando obras de Direito, na editora Del Rey, também um tradicional selo mineiro de livros dessa área.

Na Del Rey, como editora assistente de novo, atuei principalmente com livros, auxiliada de perto pela designer Cristiane Linhares, amiga desde a Formato. O ritmo era ainda outro, mas tivemos um pouco mais de liberdade de redesenhar os processos editoriais, de forma a aperfeiçoar a produção editorial naquela casa. Mudamos o fluxograma, em prol da qualidade, e sugerimos algumas contratações que viriam a somar.

As simultaneidades da vida de iniciante foram constantes, nesse período. Enquanto trabalhava na Cooperativa Médica, meio horário, eu também dava aulas em escolas da rede privada. A experiência ruim em uma grande rede na região da Cidade Jardim, no ano 2000, havia me deixado ainda mais certa de que minha vida seria entre livros. Em seguida, nova experiência desagradável em uma escola pequena, na região do bairro Dona Clara, ajudou a repensar meus rumos. Nesta instituição, fui demitida por apresentar a estudantes do 7º ano um livro de Paulo Leminski. Logo o poeta curitibano, meu querido poeta do

ensino médio, seria o protagonista de um momento tão chato de minha vida docente. Começa ali, também, minha lida com a censura ou com o conservadorismo, e isso ainda era 2000...

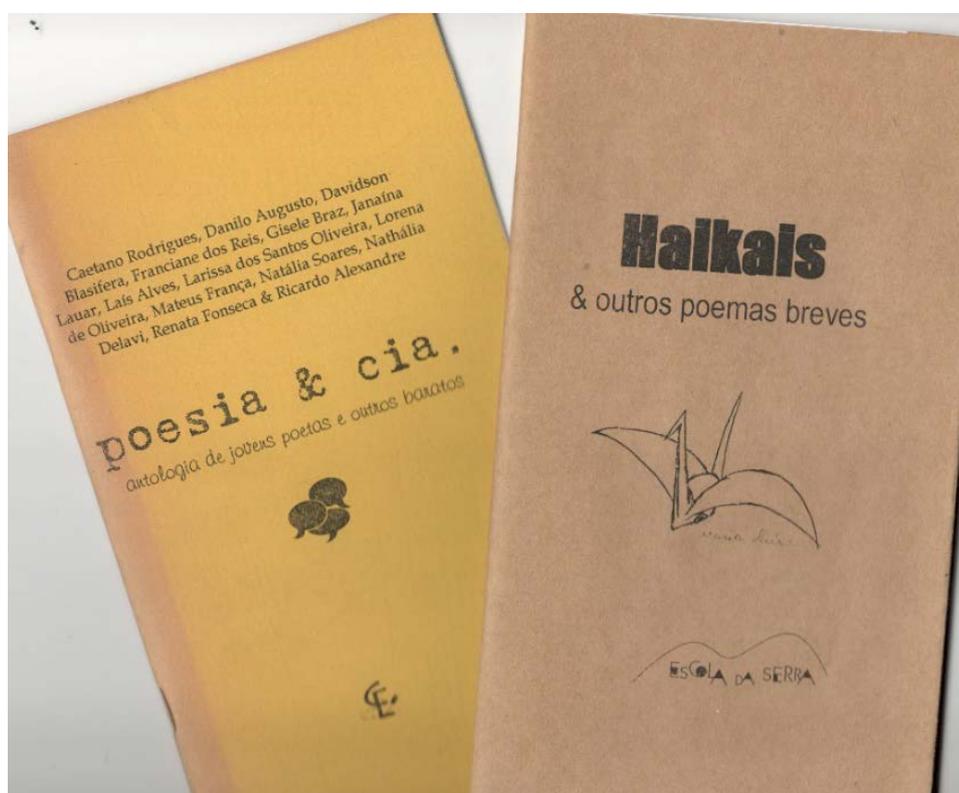
Minhas melhores atividades de professora do ensino fundamental se deram em duas escolas belo-horizontinas, em bairros completamente diferentes, mas com projetos pedagógicos criativos, dando às professoras e aos professores certa autonomia e liberdade. Logo entendi que minha vida seria uma incansável busca por isto, liberdade na educação, embora eu já tivesse descoberto que as escolas não eram exatamente os melhores espaços para práticas livres e criativas, mesmo que isso parecesse paradoxal e fosse, como penso, lamentável.

Na **Companhia do Ensino**, em 2003, dei aulas para muitas séries (da 2ª série do Fundamental I ao 8º ano Fundamental II), em turmas pequenas, na escola que funcionava em uma espécie de galpão, duas ruas abaixo da residência de meus pais, onde eu ainda morava. Toda manhã, bem cedo, eu descia aquelas ruas a pé, às vezes acompanhada da professora de Matemática, minha vizinha desde a infância, e tinha encontros felizes com estudantes dispostos a aprender literatura e entrar em minhas aventuras... editoriais. A direção da escola era composta de pessoas que eu também conhecia desde muito jovem e que sabiam do meu amor pela leitura. Nessa escola, vivi uma relação de afeto com as crianças e pude desenvolver alguns projetos que ficaram em nossas memórias. Esses estudantes ainda me contatam nas redes sociais e me marcam em fotos da época.

Saí da Companhia do Ensino para me dedicar mais à edição na Coopmed e já vinha pensando no ensino superior, mas faltava chão. Tempos depois, tive a triste notícia do encerramento das atividades da escola. Isso me doeu, mesmo depois de alguns anos.

Continuei editando livros, até que atendi o telefonema de uma colega, a professora Sandra Cavalcante, então na Fundação Torino, também docente da PUC Minas. Ela perguntava se eu gostaria de lecionar para estudantes da **Escola da Serra**, uma instituição conhecida em Belo Horizonte por seu projeto arrojado, criativo e inspirado na Escola da Ponte, de Portugal. Disse a Sandra: “Indiquei você quando me perguntaram se eu conhecia uma professora cujos olhos brilhassem ao falar de literatura”. Tornei-me professora da Escola da Serra, dando aulas para várias séries. Minha principal missão era falar de literatura e de textos, mas eu também atuava nos projetos desenvolvidos pelos/as estudantes, fazia atividades na biblioteca (que é muito ativa por lá até hoje). Foi um aprendizado rico para mim, mas minha sede de estudar não me permitiu ficar muito tempo.

Livros artesanais que organizei em oficinas de produção poética e edição com turmas do ensino básico de duas escolas privadas belo-horizontinas. *Poesia & Cia.* foi produzido artesanalmente com estudantes de séries do ensino fundamental II, na Companhia do Ensino. Houve lançamento oficial, com festa e convidados. Levamos para uma palestra o escritor Carlos Herculano Lopes. *Haikais & outros poemas breves* foi produzido por turmas do fundamental II na Escola da Serra, região sul da cidade. Também fizemos lançamento. Neste, havia ainda belas ilustrações dos/as estudantes. O material foi todo providenciado pelas escolas. Alguns/mas desses estudantes demonstraram grande apreço pela literatura, tornando-se poetas e músicos, posteriormente.



Também foi marcante minha experiência no Curso de Formação Intercultural da UFMG, quando, a convite da professora Inês Almeida, amiga e parceira da professora Sônia Queiroz, atuei como professora de Produção e Edição de Texto em turmas formadas por pessoas indígenas de diversas nações mineiras: Pataxó, Maxakali, Xacriabá, entre outras. Com eles, fiz também fanzines, a partir de debates abertos e da aprendizagem de culturas que eu não conhecia. Foi um momento de viver diferenças e de aprender minhas ignorâncias, além de transformar meu olhar.

Fanzines produzidos por estudantes indígenas, no Curso de Formação Intercultural da UFMG.



Façamos as contas: entre minha formatura, em 1999, e minha aprovação como servidora federal, em 2005/6, passaram-se alguns poucos anos, em que vivi intensamente a edição, a docência no ensino básico e rasurei muito minha carteira de trabalho. Muitas experiências rápidas ainda aconteceram aí, durante meus estudos de mestrado (terminado, reitero, em 2003) e minha aprovação para o doutorado, em 2005. Experiências como oficinas em eventos de inverno em diversas universidades mineiras; freelances para algumas editoras, tais como a Autêntica e a Aletria; substituições de colegas em escolas, por curtos períodos, etc. Minha dissertação, *Ler na tela*, foi escrita nas madrugadas, enquanto minha família inteira dormia, no andar de cima. A vizinha

à esquerda chegou a reclamar com meus pais sobre a luz do meu escritório – fui tomando um cômodo para isso – por toda a noite, incidindo sobre o quarto onde o casal dormia. Tive de pôr uma persiana escura para dar conta do problema. Por muitas manhãs, cheguei a dar bom-dia à minha mãe, que ia fazer o café justo quando eu subia as escadas em direção ao meu quarto, para algumas horas de sono.

Depois da demissão na Formato e das aulas nos colégios, depois da Coopmed e de tantas outras conciliações, ainda editando livros de Direito na Del Rey, depois de defender minha dissertação de mestrado, passei então às aulas na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), onde fui professora contratada e atuei no ensino de graduação. De 8h às 18h, na editora; das 19h às 22h30, na PUC Coração Eucarístico. E as madrugadas para pensar em minhas verdadeiras ambições, meus verdadeiros desejos: edição, liberdade e autonomia.

Parênteses necessários IV: outro livro de poemas, indo mais longe

Não é linear. Não foi linear e este texto me obriga a uma narrativa que vai e vem, e deixa nós emaranhados. Não importa muito. Aquele momento da minha vida profissional foi intenso, conturbado, cheio de descobertas boas e ruins, quando conheci pessoas que me influenciaram enormemente e quando descobri o que não queria na vida ou para o resto dela. Momento de viver também aventuras amorosas, lançar mais livros e até de... engravidar. Uma criança veio se somar à confusão geral; e foi ela que organizou a minha vida, iluminou o caminho, mostrou meu rumo. 2002, por exemplo, meio do meu mestrado e período de experiências em escolas, publiquei um livro importante em minha trajetória. Foi esse livro que me mostrou como as tecnologias digitais faziam diferença, já, e como era possível sair de Minas Gerais, sem tirar os pés do meu bairro. Eu queria ganhar o país, o mundo, mas não tinha ideia de como fazer, se não sabia viajar. Eu queria ir, sem sair; e isso a escrita pode.

*Perversa foi meu segundo livro de poemas, produzido a partir de meus contatos novamente atrevidos com um poeta e editor de São Paulo, que começava, naquela virada de milênio, uma editora “independente”, em plena efervescência da discussão sobre concentração editorial no mundo. Em 2002, juntei-me ao catálogo da **Ciência do Acidente**, encontrando ali novos horizontes. Daí em diante, conheci muitas pessoas, entre escritores/as e editores/as, que*

passaram a formar uma duradoura e forte rede de contatos. Era uma nova era para a edição no Brasil, um novo ar, com computadores e internet no comando. A esta altura, eu dirigia um blog razoavelmente conhecido, a Estante de Livros, onde entrevistava, resenhava e escrevia textos de minha lavra. Também colaborava com outros sites e revistas digitais, com a máxima curiosidade de ler contemporâneos/as e participar das discussões sobre a Liga Brasileira de Editoras (Libre) ou os eventos que poderíamos fazer em Belo Horizonte. De fato, criamos eventos em parceria com a Prefeitura, que sempre se mostrou disposta, assim como com outras instituições de cultura desta cidade, a exemplo do Sesc.

*Ainda como editora da **Coopmed**, quase indo para a **Del Rey**, recebi um convite muito especial: ser colunista de uma revista eletrônica de cultura, com sede em São Paulo, o **Digestivo Cultural**. Intrigada com esse convite, perguntei ao editor, Júlio Borges, como ele havia me conhecido. Ele respondeu que recebera um jornal universitário de Belo Horizonte em que eu era a entrevistada. De fato, era o jornal-laboratório do curso de Jornalismo do Uni-BH, então uma prestigiosa e séria fundação educacional, periódico dirigido pelo poeta e jornalista Fabrício Marques. Júlio Borges me tornou, então, colunista do DC, com a missão de escrever naquele espaço quinzenalmente. Minha condição: liberdade.*

O resultado disso é que há dezessete anos ininterruptos escrevo para o Digestivo, geralmente crônicas ou resenhas, há vários anos às sextas-feiras, e isso me rendeu um exercício de escrita contínua muito fecundo. Quando fiz dez anos de “casa”, publiquei dois livros de crônicas selecionadas – Chicletes, lambidinha e outras crônicas e Meus segredos com Capitu – pela editora Jovens Escribas, de Natal, RN. Com Meus segredos... fui semifinalista do então prêmio Portugal Telecom (hoje, Oceanos) e recebi, por uma das crônicas, um prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Nessa mesma editora, em 2015, publiquei ainda o livro de contos curtos Beijo, boa sorte.

Blogs, sites, revistas eletrônicas, fanzines impressos e livros, é claro, faziam parte do meu universo mais íntimo, do meu maior desejo na vida. Mesmo com empregos tão exigentes, eu fiz questão de proteger, ao máximo, minhas mínimas condições de escrever e publicar, sempre almejando uma situação menos caótica e mais próxima do ideal, algo que ainda espero encontrar, já que minha aposentadoria fica, a cada governo, mais distante.

Em 2003, trabalhando ainda na Del Rey e dando aulas na PUC Minas, no turno da noite, descobri-me grávida do Eduardo, meu único filho. O pai dele era um escritor fluminense, que conheci justamente nas redes literárias e sociais da época. Jornalista e professor, Jorge Rocha veio, alguns meses depois, morar em Belo Horizonte. Nesse ínterim, passei a reconsiderar os tempos e ritmos da minha vida, pensando na chegada de um bebê.

O contrato na PUC Minas findou dia 7 de julho de 2004, às 22h30, quando dei minha última aula; Eduardo Ribeiro Rocha nasceu em 8 de julho de 2004, às 21h, no bairro de Santa Teresa. A editora Del Rey concedeu, forçosamente, minha licença maternidade, mas reduziu meu salário à metade. Foram tempos difíceis, de grandes adaptações e, também, de repensar projetos e necessidades. Na verdade, uma necessária revisão de prioridades. Inscrevi-me, então, para o doutorado em Estudos Linguísticos na UFMG, pouco mais de um ano depois da defesa de mestrado. Em seguida, fui chamada para lecionar nos cursos tecnológicos e de graduação do Centro Universitário Una, uma instituição privada que passava por drásticas mudanças. Lá, por algum tempo, fui professora todas as noites, nos campi do centro da cidade e no belo campus Buritis, além de atuar como coordenadora geral da área de Língua Portuguesa. São também na Una minhas primeiras orientações de Iniciação Científica e de mestrado. Na IC, a excelente bolsista Natalia Lanza e Silva estudou comigo a navegação em jornais digitais, sendo também a primeira estudante que acompanhei a um congresso, em Juiz de Fora; Carlos Henrique Silva de Castro, atualmente professor na Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), fez comigo um mestrado profissional que também envolvia aprendizagem e tecnologia, no curso de Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, no qual atuei como colaboradora.

À esquerda, **ilustração de capa do livro *Chicletes, lambidinha e outras crônicas***, presente do ilustrador e quadrinista mineiro Guga Scultze; à direita, **peça de divulgação do livro *Meus segredos com Capitu***.



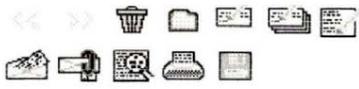
Os cinco números do fanzine impresso *Logo, lógos*, que editei aproximadamente em 2003, em parceria com a designer Cristiane Linhares, colega de Formato e de Del Rey. Os primeiros dois números tinham o apoio da papelaria Papel Colorido, no bairro Renascença, que dava as cópias; os demais contaram com o apoio da Prefeitura de Belo Horizonte. Não pudemos ir mais adiante por falta de tempo.



E-mail do escritor e jornalista Francisco de Moraes Mendes, em 2002, sobre o blog Estante de Livros. Mais adiante, ele de fato publicou uma matéria sobre o blog no caderno de cultura de um jornal.

Mensagem ana@patife.art.br

Move to:



Mensagem 6 of 202

From:
To:
Date: 22 Nov 2002, 02:28:36 PM
Subject: oi, camarada

Ana Elisa, tudo bem com você?
Tô pra te escrever faz tempo, mas não sobra tempo, só para essa desculpa esfarrapada.
Menina, sua estantedelivros é a melhor (quem sou eu para julgar?) coisa (coisa!!!!, que coisa, meu?) que surgiu na internet, até onde meu mouse alcança.
Hoje voltei lá para ver se o Fantini já estava, não estava. Ele foi parar no Patife, encontrei-o por lá e mandei um comentário para vocês.
Agora eu queria saber uma coisa? Cadê as outras entrevistas, como a do Guedes? (Tinha mais, não tinha?) Elas saem da página depois de um tempo? Se for isso, pode não, têm que ficar.
Hoje mandei um comentário pra estante também, uma sacanagenzinha que me ocorreu na hora, em (de)forma de versos, logo eu que não poeta porra nenhuma, mas tudo por causa do seu texto do Dom Quixote. Genial. O Dom Quixote, todos sabemos; falo do seu texto. Você, além das coisas que você tem e que todo mundo tem, tem um negócio raro: você é criativa. Hoje eu li só a entrevista do Bressane. Grande. E o modo como você, deixa o leitor tão à vontade que parece que estamos conversando com o entrevistado, ou seja, você faz uma ventríloca, ou melhor, ventrílouca. Que é a melhor maneira de se entrevistar alguém.
E tem suas apresentações, dignas de nota (não me pergunte de quanto. nota de dez? de vinte? de cem?). e se esses autores que você entrevista bobear, vão pagar mico, porque a apresentação vai ficar melhor que a entrevista.
O legal desse tipo de trabalho é que não precisamos mais dos jornais e seus limi-tadinhos espaços para saber o que se passa na área sombria cultural. Ainda vou escrever sobre isso no jornal. E vou dar o endereço da sua estante como a mais luxuosa.
Tô encantado com seu trabalho. Mande ver. Não deixa a coisa parar de funcionar.
Um beijo grande
e a estima
do Chico Mendes

*Se não for pela poesia
como crer na eternidade?*
Alphonsus de Guimaraens Filho

Prezada An'Elisa

Belíssimo presente que acabo de receber seu, por indicação do Carlos Herculano.

Já havia ouvido falar de você pelo Ruffato, mas ainda não conhecia seu trabalho, cuja leitura de "Perversa" e "Poesinha" me permitiram o primeiro contato e proporcionaram grande prazer estético.

Na alfândega das produções independentes, ainda bem que esse tráfico não está sujeito às cominações, porque permitem que conheçamos o melhor, o que está fora do alcance da grande mídia, longe dos holofotes do rio-sp, mas que tem a mesma qualidade, e até melhor, do que se produz com a chancela das máfias editoriais.

O trabalho que a *Ciência do Acidente* vem fazendo, contribui para firmar a poesia que se faz com garra e nervura, como a sua.

A leitura de "Perversa" me revela uma autora profundamente mergulhada nas questões existenciais, tentando extrair do limbo psicológico e do underground humano e social matéria e circunstância para uma confecção poética que tem seu viés filosófico.

No panorama atual, em que há poesias caudalosas, com efeitos visuais, sonoros & escambau, mas sem uma coluna dorsal, a sua, não obstante primar pelo minimalismo formal, conserva a densidade dos questionamentos. Tem vértebras, tem alma.

Como Hilda Hilst e Orides Fontella, você também é contida na forma e incontida no grito. Ai dos que perderam sua capacidade de indignação e você tem fome de revolver os dilemas/litígios/pendências que há na natureza humana e não se ilude com o comodismo de uma poesia jacente, que apenas usa o jogo de palavras e não diz nada. Na sua contenção, porém, há uma poderosa filigrana, algo que subverte a ordem das coisas para proclamar o sentido profilático da poesia: catarse & exorcismo.

Parabéns pela safra econômica, mas de agudíssima indagação.

Abraços do

R. Cagiano
Ronaldo Cagiano

7/2/03

Já estávamos então em 2004. Mudei de endereço e de ritmo. Sempre com a inestimável ajuda dos meus pais e de minha irmã, Ana Cristina, consegui conciliar as aulas no ensino superior privado e várias disciplinas em cursos de especialização, o que é um caso à parte. Visando a um futuro mais sólido e estável, fiz concurso na Universidade Federal de Viçosa (que abandonei pela metade e voltei a BH) e soube, então, do edital para professor/a efetivo/a do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, o CEFET-MG. Vivi, aí, mais um momento importante de escolhas e planos.

A prova para o doutorado em Letras na UFMG foi composta de uma bateria de exames de variada natureza, finalizando com uma entrevista. Cheguei de viagem a um evento no Itaú Cultural quase na minha vez de ser arguída pelo grupo de professores. Como deixar de ir a um evento honroso em São Paulo? Como sempre, agi conciliando tudo, sem desamarrar as pontas todas da vida de escritora, editora e professora. O doutorado, no entanto, era um projeto de fôlego, que eu ainda não sabia como adaptar à minha vida tão mudada.

Em dezembro de 2004, soube de minha aprovação em primeiro lugar para Estudos Linguísticos. Minha orientadora seria, para minha imensa alegria, a professora Carla Coscarelli, parceira de tantas outras empreitadas. Fui sua primeira doutoranda. Uns anos antes, ela já havia me dado um presente especial: um telefonema em que me informava que acabara de me citar em um artigo. “Pode ficar tranquila, você já virou referência bibliográfica!: Ribeiro (2003)”; e rimos, cheias de afeto e respeito mútuo. Carla realizou ou esteve ativamente presente em muitos de meus sonhos e projetos.

Tive minhas primeiras aulas no curso de doutorado quando meu filho contava 8 meses de idade. Ouvi frases de desestímulo e incompreensão mais de uma vez, mas minhas segurança e perseverança eram maiores quanto ao futuro que eu desejava alcançar, tanto para mim quanto para meu rapazinho. De alguma forma, eu sabia que, em algum momento, seríamos apenas nós dois.

Especializações

Dar aulas nos cursos de especialização foi, ao mesmo tempo, uma alternativa financeira muito importante para minha nova vida, uma experiência de trabalho e orientações em pós-graduações *lato sensu* e um espaço de criação fundamental para meus projetos futuros.

Em 2005, fundei, com a professora Eliane Mourão, o curso de **Especialização em Revisão de Textos** ofertado pelo Instituto de Educação Continuada da PUC Minas. A ideia original era dela, que procurou a professora Sônia Queiroz, que me sugeriu como parceira. Recebi o telefonema de Eliane com alegria. Era um dos temas da minha formação, do meu interesse e uma ótima oportunidade de aprender a administrar um curso. Minha experiência de coordenadora de área seria útil. Auxiliei Eliane na finalização da escrita do curso, pusemos a especialização de pé e ela foi o sucesso que ainda é, ao longo de anos de oferta. Depois que cada uma de nós saiu da coordenação – eu, primeiro, Eliane, depois –, desatamos nossa parceria e, com ela, nossa frágil amizade.

4

PUC Informa IEC

Profissionalizando a revisão de textos

Em sua primeira oferta em março de 2005, o curso de especialização em Revisão de Texto superou todas as expectativas. Com mais de 40 candidatos inscritos, a coordenação teve que selecionar alunos e o IEC aumentar o número de vagas. Tamanho sucesso se deve, de acordo com a coordenadora Ana Elisa Ribeiro, à falta de cursos voltados para essa temática no Estado.

Outro motivo para a procura é o amadorismo do mercado de revisão, que vinha sendo atendido por autôditas. "O mercado demanda pessoas qualificadas e profissionais e não encontrava. Esse curso forma revisores de qualquer tipo de texto e vai profissionalizar essa atuação", informa.

A pós-graduação em Revisão de Texto abrirá inscrições em 1º de dezembro para a segunda turma, que terá início em março de 2006. Para a coordenadora, não existe a preocupação de ensinar aos alunos a gramática, mas de co-

Software livre muda conceito de informática

Em 2006, a PUC Minas irá implementar em sua rede acadêmica o software livre, um ambiente de informática que permite ao usuário maior liberdade para executar, copiar, distribuir, estudar, modificar e aperfeiçoar os programas utilizados.

Segundo o coordenador do curso de especialização em Software Livre Aplicado do IEC, professor Lúcio Mauro Pereira, a mudança gera além de economia e uma maior interação entre os usuários e os programas, uma nova percepção da universidade sobre o software, considerando-o como conhecimento acumulado e não um produto de consumo privado. "O software livre é uma ferramenta comunitária e participativa".

Pesquisa realizada pela Unicamp indica que 81% dos usuários de softwares livre no país são grandes instituições privadas e públicas. Para Lúcio, há uma demanda desses setores por especialistas na implantação e desenvolvimento de softwares. "O curso do IEC atende a essa demanda, utilizando ferramentas de código aberto e Java e articulando a teoria de ambientes operacionais, programação, redes de computadores e engenharia de software com a prática da instalação e configuração de softwares livres, desenvolvimento de sistemas e criação de sistemas corporativos e ambientes cooperativos", explica.

O IEC possui uma turma do curso de Software Livre Aplicado em andamento na PUC Minas em Arcos. Em 2006, com inscrições abertas a partir de 1º de dezembro, o Instituto oferecerá turmas em Arcos e também em Belo Horizonte. Os professores Cássio Pereira de Castro e Marco Rodrigo Castro também coordenam o curso.



Revisora profissional, Jane Siqueira já se sente mais valorizada com a especialização

Expediente

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo Diretor do IEC: Prof. Marcos André Silveira Kutova Secretário de Comunicação: Maurício Lara Assessora de Comunicação do IEC: Heliana Maria Araújo Costa e Silva Contato: Av. Brasil, 2023 - Funcionários - E-mail: imprensaiec@pucminas.br - Telefone: (31) 3269-3263 - FAX: (31) 3261-6860 - CEP: 30140-002 - Belo Horizonte - MG Edição: Ricardo Rodrigues Redação: Erick Araújo Diagramação: Quadro (quadro@quadro.art.br) Impressão: Fumarc (31) 5249-7400 Tiragem: 1.500 exemplares

Página do jornal institucional *PUC Informa IEC* com matéria sobre o curso de especialização em Revisão de Textos.

Em 2006, com meu querido colega de Una, **Carlos d'Andréa**, então coordenador do curso de Jornalismo daquela instituição, escrevemos e fundamos o curso de especialização em **Projetos Editoriais Impressos e Multimídia**, que coordenamos e que durou vários anos, depois que saímos para nossas instituições públicas. D'Andréa foi, também, parceiro em artigos, orientando posterior da professora Carla Coscarelli e pesquisador de temas afins com meus interesses, até certo momento. Hoje em dia, sob a certeza de uma amizade efetiva, ainda colaboramos em bancas e pareceres, em mão dupla.

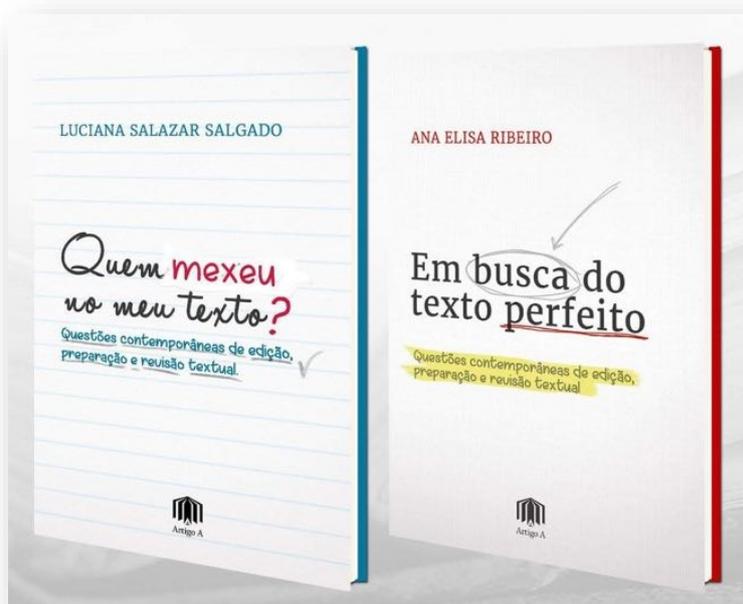
Jamais abandonei os cursos *lato sensu*. Antes das experiências de criação e coordenação, além das diversas disciplinas que ministrei ao longo dos anos, às vezes aparecendo como convidada especial, atuei em substituição à professora Carla Coscarelli em um curso do Uni-BH; atuo, há quase uma década, no curso de Ensino de Línguas Mediado por Computador, na UFMG, coordenado pela professora Vera Menezes e, atualmente, pelo professor Ronaldo Gomes Jr. Cito ainda minha participação atual nas especializações do próprio CEFET-MG, atuando como professora de Metodologia do Trabalho Científico, há vários anos, para cursos de Banco de Dados e MBA em Tecnologia da Informação, e por algum tempo, no curso de Linguagem e Tecnologia, ligado ao departamento de que faço parte. Por algum tempo, cheguei a ser a coordenadora geral dos cursos *lato sensu* do CEFET-MG, aproximadamente em 2010, cargo que não tive mais fôlego para sustentar, depois de anos trabalhando na diretoria da casa e diante da burocratização desestimulante de vários processos na gestão desses cursos. Continuei, no entanto, colaborando como docente. Mais recentemente, a convite da professora Denise Queiroz, atuei como consultora da versão atualizada da especialização em Revisão de Textos da PUC Minas, a entrar em vigor em agosto de 2020. Além de me sentir honrada com a confiança e o reconhecimento da professora, ao me convidar para atualizar esta nova versão, senti, como coordenadora da versão anterior, que é preciso manter a força desses projetos, ajustando-os ao tempo, às tecnologias e às novas demandas de formação e trabalho.

Parênteses necessários V: bibliografias e performatividade

A área da revisão de textos passou por mudanças, profissionalização e institucionalização, nos últimos quinze anos, e não tenho dúvida de que participei disso, juntamente com colegas de coordenação e coautores/as de projetos e trabalhos de pesquisa. A revisão, hoje, é tema de dissertações de mestrado por mim orientadas, além de ser motivo de eventos especializados e bibliografia emergente, a exemplo da coleção “Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual”, que coordeno desde 2015, pelo selo Artigo A da editora Gulliver, de Divinópolis (MG). O mestre pelo CEFET-MG Joubert Amaral, editor da casa, acreditou num projeto de ampliação bibliográfica do campo, no que temos investido. A coleção se compõe de quatro títulos, e pretende ter um quinto volume, em 2020. Consta em bibliografias de cursos e disciplinas em várias partes do Brasil.

As parcerias e os afetos encontrados em meus movimentos em busca de interlocutores/as nos estudos sobre a revisão de textos renderam bons e duradouros frutos, como é o caso dos projetos com a professora Luciana Salazar Salgado (UFSCar), com a qual divido um grupo de pesquisa chamado “Escritas profissionais e processos de edição”, desde 2011, o que tem gerado muitas conversas e ações no campo. A coleção pelo selo Artigo A tem sido indicada em cursos e oficinas, Brasil afora.

Na mesma esteira da percepção de uma necessidade bibliográfica que ajude a desenhar o campo e a formar uma cultura de estudos, eu e os parceiros **Nathan Magalhães**, editor da Moinhos, e **Pablo Guimarães**, editor da novíssima Contafios, este meu ex-orientando de mestrado, inauguramos a **coleção “Pensar Edição”** que, desde 2018, vem compondo um corajoso catálogo de estudos do livro e da edição. Tal coleção deriva de um evento que eu e Nathan vimos produzindo há alguns anos, com sucesso, em Belo Horizonte



Primeiros livros da coleção “Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual”, coordenada por mim desde 2015, em parceria com Joubert Amaral. Seguiram-se a esses volumes os livros *Tem um editor no meio do caminho* (José Muniz de Souza Jr.), *No ritmo dos textos* (organizado pelas professoras Daniella Lopes e Juliana Alves Assis) e um quinto volume vem sendo organizado por mim e pela mestre Márcia Romano, com artigos derivados de dissertações defendidas no Posling CEFET-MG, ao longo dos últimos anos.

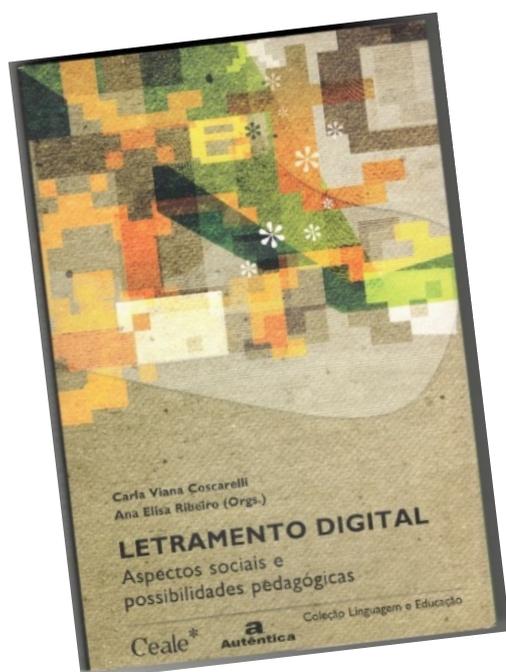


Primeiros livros da coleção “Pensar Edição”, coordenada por mim e pelos parceiros Nathan Magalhães e Pablo Guimarães, desde 2017. O primeiro livro da coleção é de minha autoria – *Livro – edição e tecnologias no século XXI*. Em seguida, vêm os livros *Literatura infantil e juvenil*, organizado por duas colegas, as professoras Marta Pinheiro e a mestre Jéssica Tolentino; *Sociologia da literatura*, da socióloga francesa Gisèle Sapiro, em tradução direta do francês por nossa aluna Juçara Valentino; e um quarto volume, que já foi traduzido e está a caminho, é um livro do professor argentino José Luis de Diego, vertido ao português por mim e por Sérgio Karam. Pretendemos que esta coleção tenha vida longa.

Doutorado

Retomo então: era já 2005, eu iniciava o curso de doutorado em Estudos Linguísticos no Poslin/UFMG, com aulas à tarde. À noite, dava aulas no Centro Universitário Una, em variados cursos e campi. Tinha um filho de menos de um ano de idade, marido, apartamento alugado, já alguma experiência em orientações, coordenações e liderança de equipes, como os/as administradores/as gostam de chamar. Publicava livros literários, mantinha fortes minhas redes intelectuais, usava muito as tecnologias digitais para me comunicar e continuava com minhas ambições de ter uma vida melhor, mais segura e com mais espaço para escrever.

Foi em 2005 minha primeira publicação como co-organizadora de um livro acadêmico por uma editora grande. Atendendo a um convite generoso de minha orientadora e amiga, a professora Carla Coscarelli, auxiliei na publicação de *Letramento digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, pela Autêntica. Lembro ainda hoje de duas conversas sobre esta organização: uma, quando eu disse, anos antes, durante as conversas da graduação, que Carla era famosa. Ela me disse: “a gente só fica famosa depois que publica livro”. Guardei aquilo como uma joia. Não pensava em ser propriamente famosa, mas os livros tinham poderes acumulados, para mim. Carla ainda não era autora de livros, mas logo seria. E eu aprenderia com ela. A outra conversa foi quando minha orientadora me pediu que sugerisse um subtítulo para o livro, e ele aí está.



Letramento digital foi organizado pela professora Carla Coscarelli e por mim, publicado em 2005 e, desde então, teve várias reimpressões. É muito citado até hoje, comprado por editais públicos e lido em cursos de formação de professores, em todo o país. Esse livro, de certo modo, nos tornou referências nos estudos de educação e tecnologias. Também foi o primeiro livro que assumiu, já desde a capa, a expressão “letramento digital”, que discutimos tanto nas reuniões na Faculdade de Educação da UFMG, com a professora Marildes Marinho.

Publicar um livro acadêmico por uma grande e respeitada editora, a partir de pesquisas e textos de um elenco sério e amável de autores e autoras, torna, sem dúvida, o caminho a percorrer menos difícil. A partir daí, eu e Carla Coscarelli produzimos muitas reflexões sobre letramento digital, publicamos muitos artigos juntas, mantivemos uma parceria relativamente rara, acompanhando-nos também em nossas vidas pessoais. Fomos a muitos congressos, no Brasil e no exterior, falar sobre educação e tecnologias para plateias cada vez mais jovens e mais interessadas em mudanças que não ocorreram, ao menos do modo e na velocidade que gostaríamos, como a pandemia do Coronavírus nos fez confirmar.

Trabalhando em uma instituição privada, com muitas horas semanais de aulas, cursei as disciplinas do doutorado, desenvolvendo um projeto sobre leitura de jornais digitais, numa espécie de sequência de meus estudos de mestrado. No entanto, no doutorado, aprofundei alguns aspectos dessa leitura e fiz um complexo e trabalhoso desenho metodológico, inspirada nos trabalhos de campo que Carla Coscarelli sempre gostou de fazer. Com a ajuda do amigo e professor Ricardo Rabelo, então pesquisador na Ciência da Computação da UFMG, onde, aliás, fiz vários amigos, e da prima e amiga Ana Paula Ribeiro Atayde, pude executar uma pesquisa com leitores e leitoras reais, numa experiência verossímil de leitura em tela. Àquela altura, ainda não líamos tanto em telas de smartphones. Ler jornais digitais era, de algum modo, também escolher, editar, subverter.

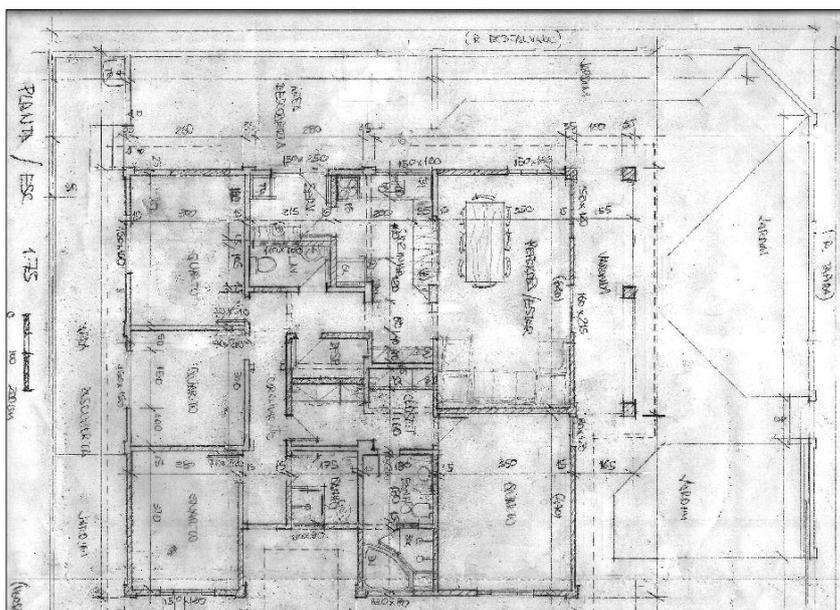
A experiência de leitura que desenhamos para o doutorado foi feita com estudantes de graduação da Una, onde eu trabalhava. Num dos espaços do campus Buritis, montamos uma sala de leitura e ali gravamos os vídeos que se tornariam meus dados a serem analisados. Daí, de muitas horas videogravadas, fiz a análise, que resultou na tese *Navegar lendo, ler navegando – Aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*, defendida em março de 2008, na recém-aberta linha de “Linguagem e Tecnologia” do Poslin, tornando-me **doutora em Linguística Aplicada** (aliás, em muitas ocasiões, fiz parte de grupos novos, recém-fundados, tal como o GP de Linguagem e Tecnologia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, ANPOLL). Nesse extenso trabalho de tese, entre outras coisas, propus o que parece óbvio, mas ainda não é: que bons leitores leem bem em qualquer suporte; e que maus leitores leem mal em qualquer suporte; e que, portanto, é preciso ensinar a ler, de fato; e que as tecnologias serão aspecto secundário na competência leitora

alta, embora jamais se descarte a ideia de que os suportes agregam sentidos à leitura.

Carla Coscarelli também se apropriou desse nosso conhecimento e citou, muitas vezes, Ribeiro (2008), passando adiante essa referência. Da tese, derivou-se um livro pela editora RHJ, de Belo Horizonte, intitulado *Novas tecnologias para ler e escrever: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula* (2012). Também da tese, defendida com um ano de antecedência em relação aos prazos regulamentares, eu e Carla tivemos uma ótima surpresa: fomos agraciadas com o **Prêmio de Teses da UFMG**, em 2009.

A despeito de aqueles anos terem sido particularmente conturbados para mim, foram também de grande crescimento pessoal e profissional. Cuidar de um filho pequeno, atuar como professora e coordenadora de área em uma instituição privada, fazer concursos públicos, tomar posse em uma instituição federal prestigiosa, escrever uma tese de doutorado complexa, mudar de endereço três ou quatro vezes, comprar e reformar uma casa e não abandonar a vida literária exigiram muita energia. Ah, claro, e tentar manter um casamento.

2008, em especial, foi um ano importante, mais um momento de encerramento de ciclos e de renovação de expectativas. Naquele ano, defendi o doutorado na primeira quinzena de março, “finalizei” a reforma da casa – cheia de estantes onde pretendo morar até o fim dos meus dias, numa esquina do bairro Renascença, sobre o qual escrevi um livro para uma importante coleção dedicada à memória de Belo Horizonte. Mudei-me para a rua Tapira em julho e reorganizei, então, muitas tarefas da vida de escritora, de professora e de mãe.



Uma das plantas da reforma de minha casa. Ser professora do CEFET-MG me permitiu organizar definitivamente minha vida adulta; resolveu minha sobrevivência e o provimento do meu filho; além de sustentar, sobre pilares sólidos, todas as escolhas que pude fazer, daí em diante. Minha produtividade aumentou, conheci muitas pessoas, cidades e países, participei de muitos projetos de educação pública importantes e alcancei um nível de emancipação com que muitas mulheres que me antecederam no mundo sonharam.

Enfim, o CEFET-MG

Dois anos antes, em dezembro de 2006, tomei posse como servidora pública no **Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais**, o CEFET-MG, à época quase centenária instituição, admirada e cobiçada por grande parte da população jovem mineira. Estudando no Colégio Municipal Marconi, nos anos 1980-1990, sempre tínhamos notícias dessa famosa escola. Éramos quase vizinhos. Na oitava série, era comum que muitos/as colegas participassem do processo seletivo e angariassem uma comemorada vaga no CEFET-MG, para os cursos técnicos. Era como ganhar na loteria.

Ainda no final do “ginásio”, cheguei a fazer uns meses de cursinho, pensando em tentar um vaga para algum curso técnico, mas, defintivamente, nada ali parecia próximo da área de Humanas, minha provável tendência vocacional. Desisti do cursinho e não fiz inscrição. O CEFET-MG transformou-se na imagem de um imenso prédio, na avenida Amazonas, pelo qual eu passava de ônibus, quando visitava os amigos do Barreiro. Certa feita, lembro de olhar fixamente aquele prédio pela janela da lotação, já como estudante de Letras, e pensar: “deve ser bom trabalhar aí”. Era uma miragem.

A decisão por fazer a prova para professora efetiva do CEFET-MG não foi rápida. Lembro de ponderar com uma colega, parceira de trabalho, pelo telefone. Será? Uma escola de ensino médio? Será que quero estar no ensino médio para sempre? Será que as ciências exatas vão abafar minha sanha humanística? Melhor tentar uma universidade? Eu não tinha ideia dos projetos que o CEFET-MG gestava para o futuro próximo.

Daquela instituição quase inalcançável, eu conhecia o professor Rogério Barbosa, mas das rodas literárias da cidade. Também conhecia a professora Ana Maria Nápoles Villela, com quem tive simpático e acolhedor contato durante aulas da Carla Coscarelli, no doutorado. Ana Maria cursava disciplinas isoladas e falava bastante sobre o CEFET-MG.

Decidi por fazer o concurso público, mesmo sem doutorado completo. Seria uma ousadia. Estudei, fiz as provas escrita e didática, me atrapalhei um pouco nesta, mas fui o primeiro lugar da prova discursiva, com cerca de 90 pontos, o que me alçou ao terceiro lugar do concurso, no resultado final. Os dois primeiros lugares ficaram com minhas colegas doutoras, professoras Olga Valeska e Giani David Silva, firmes companheiras de empreendimentos nos nossos primeiros anos de casa.

Tomei posse, portanto, cerca de um ano depois das colegas, eu ainda mestre, e passei a atuar como servidora pública, dizendo *sim* às propostas de criação de cursos, coordenação de setores, publicações, todas movimentações marcantes naquela instituição técnica, que passava por mudanças efetivas e muito transformadoras, para ela e para nós.



Meu primeiro crachá de servidora do CEFET-MG, quando ainda tínhamos a coordenação de português pré-Departamento de Linguagem e Tecnologia.

Ensino e administração

Passei a atuar como professora do ensino médio, em turmas de primeiro ano. Lembro-me ainda de abordar a literatura barroca e de enfrentar as perguntas de estudantes sobre Gregório de Matos. Logo, fui ministrar cursos de leitura e produção de textos ou Redação Técnica nas graduações em Engenharia, no campus II, onde fiquei por cerca de cinco anos, muito adaptada às condições do espaço e aos colegas. Herança disso são, até hoje, minhas colaborações, especialmente nos cursos ligados à Engenharia de Computação.

Nesses primeiros anos de CEFET-MG, atendendo a convites que se fazem a novatos cheios de energia, como era meu caso, fui a primeira coordenadora geral de divulgação científica e tecnológica, inclusive alterando o nome do setor e o espaço físico onde trabalhávamos, no térreo do campus I. Revisei o renovei o curso *lato sensu* de Linguagem e Tecnologia, onde também atuei como professora. Trabalhei diretamente na Diretoria Geral (nossa Reitoria), por vários anos, na Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, em especial sob a direção do professor Gray Farias Moita, com quem aprendi muito sobre processos institucionais, projetos de pesquisa e financiamento e o

funcionamento interno da casa. Entre as atividades nesse setor, organizei, com o auxílio de ótimas e enxutas equipes, a Semana de Ciência e Tecnologia, durante quatro anos, incluindo duas edições da Mostra Específica de Trabalhos e Aplicações, um dos eventos mais antigos e tradicionais do CEFET-MG. Ao mesmo tempo, fui **editora**, por vários anos, da **revista científica *Educação & Tecnologia***, quase sem equipe própria, alterando e melhorando seu projeto gráfico, sua periodicidade e dando a ela sobrevida, no difícil contexto das revistas científicas. *Educação & Tecnologia* é um periódico antigo na casa (mais de duas décadas) e no cenário, em especial na área de Educação.

Abertura da VII Semana C&T e XXII META, eventos tradicionais no CEFET-MG, dos quais fui organizadora e presidente de comissões, entre 2009 e 2011.



Mais ensino, criação, pesquisa e extensão

Algumas pesquisas que desenvolvi naqueles anos, que resultaram em publicações, diziam respeito ao ensino de redação ou de português para áreas técnicas. Junto comigo estava a professora Ana Maria Nápoles Villela, desde sempre entusiasta do meu trabalho, antes mesmo do CEFET-MG, e grande parceira de congressos e artigos. Com ela, aprendi também a conter meus ímpetos críticos ou, ao menos, a modalizá-los.

Dois tarefas enormes – e que mudaram a minha e a vida de muitos/as colegas na instituição – foram as escritas dos projetos, nesta ordem, do **mestrado em Estudos de Linguagens** e do **bacharelado em Letras, com linha de formação em Tecnologias da Edição**. Foram, talvez, as maiores missões de minha vida profissional, até o momento, e as de maior e mais duradouro impacto social e acadêmico, não apenas para mim.

Seguindo minha índole de proposição de cursos e criação de oportunidades onde elas não existiam, sem qualquer resignação com nossa situação eventualmente confortável, eternamente apaixonada pela formação em edição e depois do redesenho de nossas coordenações – de português e de línguas estrangeiras – no Departamento de Linguagem e Tecnologia, em 2008, uma comissão formada por mim (presidente) e pelas professoras Ana Maria Nápoles Villela, Olga Valeska Soares Coelho e Silvana Lúcia Avelar passou a escrever o projeto político-pedagógico do bacharelado em Letras, autorizadas pela portaria DIR-563/08 de 1º de setembro de 2008, com prazo de 120 dias para apresentar uma proposta.

Foi preciso defender esse projeto com unhas e dentes; foi preciso ler, estudar, rever, criar, propor e convencer muitas pessoas, em reuniões intermináveis e nem sempre amigáveis; na companhia do professor Rogério Barbosa da Silva e com o apoio do professor Wagner José Moreira, enfrentei algumas reuniões de conselhos superiores, processo lento e desgastante, mas que valeu a pena. Em cerca de dois anos de tramitação, nosso curso foi aprovado, autorizado a funcionar no campus I, no turno da noite. Com alegria, disponibilizamos informações para a Diretoria de Graduação a fim de que houvesse a divulgação da existência do **Letras (Tecnologias da Edição)** no CEFET-MG campus I. A primeira turma começou as aulas em 2011.

Curiosamente, nossa graduação passou a funcionar depois que nosso mestrado em Estudos de Linguagens já existia. Era imperativo, por isso mesmo,

por de pé o curso superior que nos verticalizaria. O projeto do Posling foi escrito por uma comissão presidenciada pela professora Olga Valeska, em conjunto com outros colegas. Com a notícia da aprovação pela Capes, a primeira turma teve início em agosto de 2010, quando eu já havia sido credenciada como membro permanente.

Em 2012, diante do aumento de nossa nota para 4 e do contexto favorável que ainda tínhamos, passamos à proposição do **doutorado em Estudos de Linguagens**, com base em uma resolução colegiada do Posling de 20 de novembro, nomeando a comissão formada por mim e pela professora Giani David Silva (presidente) e pelos professores Renato Caixeta da Silva e Wagner José Moreira. Nessa oportunidade, revisamos todo o projeto do Programa, que se atualizava, ficando mais robusto e dando um passo adiante: a **criação da Linha IV – Edição, Linguagem e Tecnologia**. *A inovação era, então, compreender a edição como uma área autônoma, complexa e ampla, fora, por exemplo, dos domínios da literatura, como é mais comum que seja entendida.*

Da criação do Posling em diante, obviamente minhas atividades ganharam novo perfil, como eu sempre sonhara. Orientando pesquisadores e pesquisadoras, dando aulas nos três níveis de ensino, viajando muito para eventos da área, publicando livros e artigos, passei a gerenciar, de fato, uma vida de pesquisadora, embora ainda longe de condições ideais.

Entre 2007 e hoje, fiz muitas descobertas, ampliei minhas redes intelectuais, inclusive para fora do país, e entendi que minhas frentes de trabalho sempre seriam múltiplas. De um lado, alimentei minha senda investigativa sobre leitura e escrita, no campo da Linguística Aplicada; de outro lado, sempre militei – mais do que atuei – pela edição, mantendo as conversações e a produção nessa área, ajudando a consolidá-la; numa conexão entre esses campos, tornei-me uma estudiosa da multimodalidade e uma escritora razoavelmente conhecida, sempre muito próxima das ações públicas e da cidade de Belo Horizonte, colaborando em várias esferas, levando sempre o CEFET-MG comigo.

Foram links muito importantes: minha associação ao Grupo de Pesquisa em Produção Editorial da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, INTERCOM, que frequento até hoje, numa série ininterrupta de publicações de artigos e de diálogos com colegas, tais como a professora Ana Cláudia Gruszynski, que admirei primeiro como autora de livros e, depois, como

coordenadora do GP, sendo eu sua vice por cerca de oito anos. Também importante foi o link com colegas do Uruguai e da Argentina, em especial o professor José Luis de Diego, da Universidad Nacional de La Plata, em 2017, quando novas possibilidades se abriram para mim, nos estudos de edição, mirando agora a América Latina. A área de edição do CEFET-MG ganhava visibilidade e isso tinha relação direta com a militância de um grupo fundador. Não posso deixar de mencionar minha atuação em comissões de cursos, colegiados e mesmo como coordenadora e vice-coordenadora do Posling, ao longo desses anos de existência e até agora.

Nosso doutorado entrou em atividade, com sua primeira turma, em 2014. Daí em diante, passamos a atuar em mais um nível, ampliando, é claro, nosso comprometimento, mas também nossas possibilidades em pesquisa e ensino. É absolutamente emocionante, quando olho pelo retrovisor, ver, numa espécie de *time lapse*, a construção trabalhosa e corajosa de cursos numa centenária instituição acostumada a outros diálogos. Obviamente, alcançamos esse intento com o apoio de gestões abertas ao outro e dispostas à diversificação da oferta do CEFET-MG, que passou a atingir e a formar mais pessoas, em novas áreas. É de imensa responsabilidade, como sabemos, ofertar cursos em uma instituição pública. A chegada desses cursos redesenha o perfil institucional e nos permite participar, com orgulho, da vida de cada uma das pessoas que se juntam a nós. Com o crescimento de nossa área – Letras – no CEFET-MG, consequências importantes vieram, como novos concursos para professores efetivos, novos perfis de formação que se juntaram a nós e mesmo nosso reconhecimento como formadores em edição, socialmente identificados e reconhecidos.

Jornada e Festa

Desde que inciei as aulas da disciplina Contexto Social e Profissional, no primeiro período do bacharelado em Letras, promovo, junto com os/as estudantes, semestralmente, um evento já tradicional no curso, a **Jornada de Edição**. Trata-se de uma oportunidade de que a turma novata se identifique com o curso, dialogue com profissionais mais experientes, além de os próprios alunos e alunas se conhecerem melhor, num trabalho coletivo. O evento chegaria à sua 19ª edição, neste primeiro semestre de 2020, não fosse a pandemia da Covid-19.

Respondendo a uma demanda institucional relacionada às atividades oferecidas pela pós-graduação durante a Semana de Ciência e Tecnologia, idealizei e executei, também, anualmente, a **Festa de Linguagens e Ciência, FLIC**, que chega à sua 8ª edição, em 2020, se tudo correr bem. É um de nossos eventos mais intensos e coletivos, produzido pelos alunos e alunas de mestrado e doutorado para nossos estudantes de todos os níveis e o público externo. Compõe-se de oficinas, minicursos, atividades artísticas e conferências, mas tudo com um ar de festa, menos formal e mais afetuoso do que um tradicional evento acadêmico. A FLIC vem sendo, há pelo menos três edições, financiada pelo edital da Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário, o que permite que convidemos personagens do mundo editorial ou artístico mais amplo para as conferências. Em 2019, foi possível também fazer um livro, o **Minas GeoGráfica – casas editoriais mineiras séc. XX e XXI**, uma espécie de minieniclopédia, em conjunto com estudantes de pós-graduação e graduação, envolvendo uma editora comercial, a Impressões de Minas, e a editora experimental do curso, a LED, de cuja comissão fundadora também faço parte.

Matéria, com chamada de capa, no *Estado de Minas*, em 2019, sobre a **atuação visível do CEFET-MG em todos os níveis, na área de Linguagens**. Na foto, eu, o professor Rogério Barbosa, e estudantes de mestrado e doutorado: Amanda Ribeiro Barbosa, Pollyanna de Mattos Vecchio e Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves, todos pesquisadores da edição.

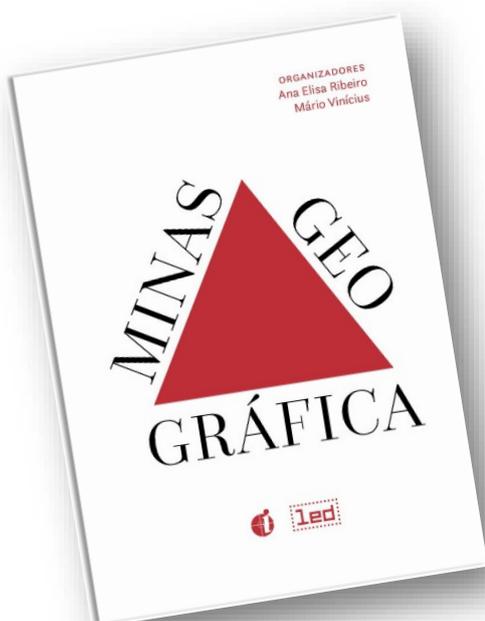


Parênteses necessários VI: Livros infantis e juvenis

De 2011 em diante, passei a publicar também obras infantis e juvenis. Atendendo a um honroso convite da ex-chefe Sonia Junqueira e depois de um longo processo editorial, publiquei Sua mãe. Daí em diante, vários outros livros para crianças foram produzidos para pelo menos outras três editoras mineiras. Os casos de mais destaque são o infantil Pulga atrás da orelha, pela Gulliver, duas vezes comprado pelo clube Leiturinha, com ampla distribuição no país; e O e-mail de Caminha, com várias reimpressões, juvenil adaptado da Carta de Caminha, aprovado no PNLD 2019-2020, ganhador de um selo de Acervo Básico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, FNLIJ.



Capa e divulgação de *O e-mail de Caminha*, publicado pela editora RHJ, em 2014.



Capa do Minas GeoGráfica, com projeto gráfico do doutorando Mário Vinícius, idealizado e coordenado por mim, com a participação de uma turma de primeiro semestre de Letras. Trata-se de um pequeno livro enciclopédico sobre editoras mineiras, na forma de pequenos verbetes, escritos por todos nós. Incluímos pesquisa de marcas e logos das empresas. O livro tem traços artesanais impossíveis de ver em uma imagem.

Formação, sempre: pós-doutorados

A ansiedade de me manter escrevendo e estudando jamais me abandonou. Em três oportunidades, pude fazer pesquisas mais sistemáticas, em estágios pós-doutorais que me interessavam profundamente, à revelia de regras externas ou de pressões pela internacionalização.

A primeira chance foi **de 2009 a 2010**, quando, sem licença, fiz um estudo pós-doutoral sob a supervisão do semiótico professor **Júlio Pinto**, na pós-graduação em **Comunicação Social** da **PUC Minas**, quando estudei aspectos da multimodalidade na leitura de textos com crianças pré-alfabetizadas e com analfabetos adultos. Esta pesquisa rendeu uma série de artigos e meu mais aprofundado conhecimento dos escritos do professor Gunther Kress, também em coautoria com o professor Theo Van Leeuwen. As conexões que sempre fiz entre tecnologias e leitura estavam intactas ali, ajudando-me na compreensão de fenômenos ligados à leitura de camadas visuais dos textos, novamente, de jornais.

Entre **2013 e 2014**, também sem licença, tive a honra de ser supervisionada pela professora **Roxane Rojo**, da **Universidade Estadual de Campinas**, Unicamp, quando aprofundei meus estudos de multimodalidade, agora trabalhando com estudantes do ensino médio e sobre a escrita. Os resultados dessa pesquisa, feita com absoluta paixão, foram publicados em dois livros que significam, para mim, uma imensa conquista, em especial quanto às minhas antigas ambições bibliográficas: fazem parte do catálogo da fabulosa **Parábola Editorial**. O contato quase fortuito com Marcos Marcionilo e Andréia Custódio rendeu a publicação, até o momento, de dois livros de grande alcance, vez que estão em um dos catálogos mais especializados e mais conhecidos dos estudos de Letras do país. Se há algo que me traz uma sensação profunda de realização e de gratificação... são esses livros, que, se depender de mim, não serão os únicos.



Capa de *Textos multimodais, leitura e produção* (2016) e minha paixão por *Escrever, hoje* (2018).



Entre 2015 e 2016, aí, sim, com licença remunerada, assumi meu lado acadêmico literário e empreendi uma pesquisa sobre escritoras mineiras, fazendo uma delicada e prazerosa incursão como pesquisadora no **Acervo de Escritores Mineiros da UFMG**. Juntei-me ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, um dos melhores do país, sob a supervisão afetuosa da professora **Constância Lima Duarte**, uma das maiores pesquisadoras brasileiras sobre escritoras. Foi uma espécie de retorno a mim mesma, às minhas paixões da vida inteira, aos meus desejos desde criança. Minha pesquisa sobre escritoras era, na verdade, em edição: como as escritoras menos e mais consagradas conseguiam publicar, em suas épocas, certamente muito mais restritivas do que o meu tempo? Como Henriqueta Lisboa atingiu a consagração, a ponto de ser uma das raras arquivadas do Acervo? Como Lúcia Machado de Almeida tornou-se uma best-seller na literatura juvenil? Como eram suas vidas, quais eram suas redes intelectuais, com que tecnologias elas editavam?

Tal investigação no AEM me levava até o saudoso campus Pampulha, quase todas as tardes, durante seis meses, quando eu me sentava à janela de um dos andares da Biblioteca Central e passava as horas, de luvas, lendo a correspondência das escritoras com seus familiares, seus pares literários, políticos e outros/as personagens. Desse fino trabalho de um ano resultaram

artigos, capítulos de livros e minha mais contundente participação em eventos, inclusive e principalmente fora do país, onde a discussão sobre as mulheres na edição se adianta. Nesse percurso, avancei sobre as leituras do feminismo e reli histórias editoriais, revisando nossa narrativa lacunar sobre as mulheres na cena editorial. Estou, em 2020, completamente investida dessa pesquisa, de alguma maneira muito pessoal e muito social, sobre as mulheres que desejam, em qualquer tempo, participar e ter voz no espaço público, em especial por meio dos livros e das palavras. De certa forma, respondo a mim mesma e compreendo uma história que é, também, a minha.

Em 2018, tive o projeto **“Mulheres editoras de livros em Minas Gerais: mapeamento e narrativas de trajetórias”** aprovado com financiamento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, a Fapemig, que, infelizmente, atravessa um momento difícil, de desmonte da ciência. Mesmo assim, sigo, em parceria com duas colegas, as professoras Paula Renata Melo Moreira e Maria do Rosário Alves Pereira, fazendo levantamentos e narrando trajetórias de mulheres na edição, e não apenas em Minas Gerais.

Eixos, elos, mãos dadas

As **parcerias** foram a tônica de minha vida profissional. Grandes amizades nasceram em projetos de trabalho, mas projetos de trabalho também se tornaram amizades. Aprendi a reconhecer parceiros e parceiras; formei o gosto de escrever juntos/as; a alegria do compartilhamento, a confiança de que generosidade atrai generosidade. Com muitos/as parceiros/as, tomei cafés, tive ideias, executei planos, realizei o que antes era imaginado; comemorei a várias mãos. Desvencilho-me do que não é assim.

Atualmente, quando me associam à professora Carla Coscarelli, sinto-me honrada como nos primeiros dias de seus cursos na graduação da UFMG. Foram (e são) outras parcerias relevantes e marcantes: Carlos de Brito d’Andréa (com quem fundei e coordenei curso, escrevi e publiquei), Ana Maria Nápoles Villela (com quem liderei grupo de pesquisa, escrevi e publiquei) e, mais recentemente, Sérgio Karam, pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com quem venho escavando a vida dos livros e publicando textos que me encham de gratificação.

Fiz inúmeras parcerias e coautorias com colegas de diversas instituições, às vezes em eventos, onde propusemos simpósios inovadores; fiz

coautorias com vários/as orientandos/as, verdadeiramente escrevendo juntos, passando ao largo das práticas duvidosas de orientadores que não contribuem, mas assinam junto. Tive alegrias grandes com cada defesa que pude acompanhar, tentando passar aos/às meus/minhas orientandos/as a seriedade com que lido com a leitura, a pesquisa e a escrita, ao longo de cada dia de minha vida, mesmo em condições difíceis.

A escrita, para mim, está no rol dos itens de sobrevivência. E melhor: ela me faz viver com prazer, a despeito de todas as razões que temos, diariamente, para desanimar e mesmo desistir.

Parênteses necessários VII: duas Sonias e uma Carla

Quero dar relevo especial a três mulheres igualmente fortes e produtivas que tive a sorte de encontrar em minha trajetória entre a graduação e o início de minha vida profissional: Sônia Queiroz, Sonia Junqueira e Carla Coscarelli. Fazendo este memorial foi que tive mais clareza de como muitas mulheres impulsionaram e inspiraram minha vida acadêmica e profissional. Foi com essas mulheres que aprendi, às vezes sem muitas palavras, apenas nos seus gestos, grande parte do que me tornei como especialista em leitura, escrita e edição. Com esses conhecimentos, em grandíssima medida ensinados por elas, me aproximei muito dos sonhos que tinha desde a infância, do desejo de me tornar escritora e editora, da vida que sempre imaginei. Elas foram meus links e abriram, em justa medida, com generosidade e firmeza, os nós do que de melhor minha vida pôde alcançar. É preciso dizer que ainda não alcancei bem o que desejava, mas essas mulheres, sem dúvida, iluminaram meu melhor caminho possível. Até hoje, são pessoas a quem recorro, em certas ocasiões, e não apenas nas estritamente profissionais. O que vem delas só pode ser bom. E tento ser, para meus alunos e alunas, orientandos e orientandas, uma luz, também.

As Sonias e a Carla da minha vida são mulheres que estudam e trabalham muito, apaixonadas por seus objetos de pesquisa e atuação, de vozes firmes, sorrisos honestos e olhares acolhedores. São mulheres em quem me inspirei, querendo encontrar meu próprio caminho, minha própria voz.

Parênteses necessários VIII: Poesia, sempre

Mantive como joia a publicação de poesia. A despeito da correria e da cadência difícil da vida cotidiana, guardei o tempo de fazer e publicar poesia como num relicário. Talvez por isso, venha tendo cada vez mais cuidado com os livros que vou gestando e dando à luz. De vez em quando, ouço de um/a colega a pergunta: “Onde você arranja tempo para escrever poesia?”. E esse questionamento me incomoda por várias razões. Uma delas é a ideia subjacente de que a poesia possa ser expulsa da vida por coisas, por exemplo, mais importantes ou úteis. Não, não pode. A poesia ajuda a respirar, nesta vida de poucos sentidos. A poesia é o que tenho de mais meu, há mais tempo.

Depois de lançar Fresta por onde olhar, em 2008, lancei Anzol de pescar infernos, em 2013, nos inícios da editora Patuá, de São Paulo; em 2015, retornando às publicações em minha terra, lancei Xadrez, pela Scriptum; incomodada pela ideia de nunca ter sido editada por uma mulher, publiquei, em 2018, Álbum, pela Relicário, de BH, um livro cheio de afetos e vencedor do prêmio nacional Cidade de Manaus. Em 2019, lancei o Dicionário de Imprecisões, minha primeira incursão por um tipo de edição mais próximo do artesanal e uma parceria frutífera com a editora Impressões de Minas.

Hoje e além

Estamos em 2020. Considero a **criação dos cursos de Revisão de Textos, de Projetos Editoriais, de Letras (Tecnologias da Edição) e o doutorado do Posling** (e minha participação em cada passo da criação de todo o programa, em especial a escrita da Linha IV) **pontos relevantes de minha vida profissional, acadêmica e pessoal**. São, provavelmente, os que mais impacto tiveram nas vidas de muitas outras pessoas. Foram também experiências coletivas importantes, dado que a escrita colaborativa e a produção de consenso não ocorrem sem trabalho, negociação e respeito.

Para meu crescimento pessoal, não tenho dúvida de que a formação total pela escola pública conformou meu caráter, meu senso de diversidade e coletividade. O Colégio Municipal Marconi, em especial, foi instituição de grande alcance em minha alma. A UFMG, sonho desde criança, como vii minha mãe ao fazer nossos álbuns, abriu todas as portas para a minha vida profissional, algo que o CEFET-MG terminou de consolidar, quando passei a fazer parte do quadro docente desta casa. Depois de minha posse como servidora, voltei ao meu lugar de conforto e origem: a escola pública e gratuita. No CEFET-MG, encontrei muito trabalho, enormes desafios, muitos atritos, mas também muitas oportunidades e alguns elementos que busquei durante vários anos: autonomia, liberdade e um solo fértil para a criatividade.

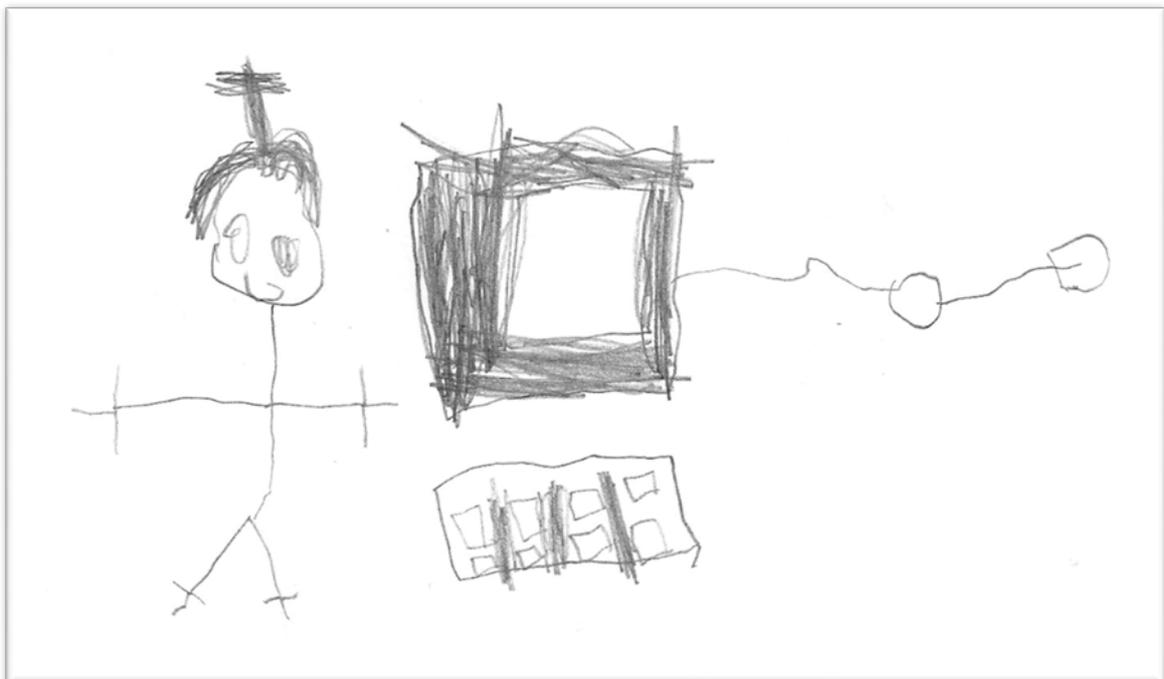
Coordenei eventos grandes e pequenos, locais, nacionais e internacionais; coordenei cursos em diversos níveis de ensino; participei de infinitas reuniões; liderei grupos de pesquisa; dei incontáveis aulas, incomodada pelos corredores barulhentos; publiquei mais de três dezenas de livros e mais de cem artigos em periódicos, nacionais e estrangeiros; fui membro de mais de uma centena de bancas, em várias partes do país; participei de algumas comemorações no Pé de Goiaba, o bar da esquina de trás; vibrei com celebrações institucionais; chorei em várias defesas de dissertação e tese, assim como chorei muito em minha defesa de doutorado, ciente do esforço que havia feito, do custo de tudo e, ao mesmo tempo, da alegria daquela conquista. Foi o CEFET-MG que me deu uma redução de encargos, mesmo durante o estágio probatório, para que eu concluísse minha tese antes do prazo e pudesse assumir mais compromissos e encarar alguns desafios institucionais, tais como o de erigir, com um grupo coeso de colegas, tudo o que passamos a ser depois de 2008. Hoje, executo projetos de pesquisa, ensino e extensão (com destaque para o **Aula Aberta**, que, durante a pandemia, alcançou o país por meio das redes sociais), oriento pessoas em suas teses e dissertações, acompanho-as em seus

sonhos e conquistas (sim, alguns são como eu fui). O futuro próximo ainda trará novas parcerias, novas portas abertas e a manutenção de tudo de bom que já aconteceu.

Sou, ainda, a única doutora titulada da família. A geração dos meus pais foi a primeira a ter o ensino superior, geralmente na universidade pública. Mestres há alguns, entre primas e primos. Doutora de fato e de direito, eu. E tenho plena consciência do salto que isso pode significar não em minha vida, apenas, mas nas vidas das próximas gerações.

Quando, durante meu doutorado, alguém maldosamente insinuou que, por estudar muito, meu filho seria negligenciado (sim, as mulheres ainda ouvem essas coisas...), lembro-me de juntar forças para responder: não creio que mães que estudam façam mal a seus filhos. Penso que estava certa, quando converso com meu adolescente, hoje. Grande parte de meus trabalhos são dedicados a ele, sendo o primeiro minha tese, onde se lê: “Dudu, esta é sua irmãzinha”. E por crescer me vendo escrever, ler e falar, sempre às voltas com o computador e as impressoras, um dia, quando bem criança, na escola, ao me desenhar, foi assim que Eduardo me representou e à minha profissão:

IMAGEM 48 – Desenho de Eduardo Ribeiro Rocha, quando ainda bem criança. Tema: Qual é a profissão da sua mãe?



Eu, uma tela e um teclado. Eu e as palavras. Eu e a conexão, virtual e real, com parceiros e parceiras. Eu e os textos. Ainda hoje protegendo meu maior desejo dos ataques, dos usos que querem fazer de mim e do meu tempo. **Meu tempo é o da escrita; e o link que une tudo o que faço, em pesquisa, ensino e extensão, é a leitura.** As representações dessas minhas atividades extrapolam o universo doméstico e familiar e vão ser, também, oportunidades e espaços para muitas pessoas que, como eu, gostariam de estudar certos temas do coração. Leituras, telas e textos, edição. Ainda há muito o que inventar e muitos desafios a enfrentar em minha vida profissional. Certamente, com boas e transparentes parcerias, novas histórias virão.



Urban sketch produzido por nosso aluno de mestrado, o artista visual Alexandre Jr., em tempos recentes, ao me observar em ação.

Agradecimentos

Este texto foi escrito em memória da tia Silvinha; de meus avós maternos, Carmen e Alberto; de meus avós paternos, Carmelita e José Luiz. Mesmo debilitadíssima e sem poder falar, vó Lita, até o fim de seus dias, fazia questão de ter meus livros e de pedir que os lessem para ela, que vibrava quando ali reconhecia fatos e pessoas da família.

Agradeço aos meus pais, Maria Carmen e Gilberto, o apoio de sempre (em especial quando Dudu era pequeno!) e a noção de que estudar é importante, mesmo quando eu parecia não gostar; aos meus irmãos e irmã, Sérgio, Titina e Bebeto, companheiros/a de escolas, festas, travessuras e cuidados; ao meu filho, Eduardo, que admira meu trabalho com textos, compreende meus investimentos e começa a dar seus passos em direção à prosa; à Vânia Guimarães, funcionária em minha casa há muitos anos, que é quem segura tudo enquanto eu trabalho; ao Sérgio Karam, companheiro, leitor, tradutor, que vibra pelas mesmas paixões que eu, sendo meu primeiro interlocutor sobre tudo o que escrevo, desde 2017.

Meus agradecimentos também à banca do processo de progressão a titular. As razões estão contempladas no texto.

Créditos

Texto do memorial Ana Elisa Ribeiro

Imagens do acervo pessoal (autorizada a de Alexandre Jr.)

Revisão Sérgio Karam

Impressão Impressões de Minas

Não seguimos as normas da ABNT.

Tomamos essa liberdade, ao menos agora.

Anexos

GRUPO DE ATIVIDADES RELATADAS – DESCRIÇÃO

As atividades relatadas têm uma numeração de acordo com a planilha denominada “Reivindicação do Grau Geral de Habilitação - EBTT” (Art. 17 do Regulamento do CEFET-MG para a promoção de docentes à Classe de Professor Titular) e poderão ser comprovadas nos Apêndices com a mesma numeração apresentada nesta seção.

Nos quatro primeiros documentos, não numerados, a postulante, matrícula **SIAPE 1420604**, demonstra que foi admitida no Serviço Público Federal em 07 de dezembro de 2006, ocupa a categoria funcional de Professor do Ensino Básico Técnico Tecnológico, Classe D, Nível 404, sendo lotada no Departamento de Linguagem e Tecnologia, e pertence ao quadro permanente do CEFET-MG, tendo obtido a última progressão funcional da carreira em 01/07/2018. Exerceu atividades de ensino desde então. É **Doutora em Linguística Aplicada** pela Universidade Federal de Minas Gerais, desde 2008.

Declara que, no exercício da Carreira do Magistério do EBTT, dedicou-se a atividades de ensino, no período de 07/12/2006 a data atual, no CEFET-MG, instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação, nos termos do Art. 1º da Lei 11.892

Observações sobre períodos de vigência de leis e períodos de afastamentos:

afastamento para capacitação em curso de pós-graduação, nível, pós-doutorado, na Universidade Federal de Minas Gerais, no período de 01/08/2015 a 30/07/2016 (Documento nº A1-1):

Grupo A – Atividades de Ensino e Orientação

Atividades de ensino e orientação, caracterizadas por: exercício de magistério da EBTT; orientações de TCC (cursos técnicos, graduação, especialização, mestrado e doutorado); orientação de bolsistas de monitoria de unidade curricular, de pesquisa ou de extensão; orientação ou supervisão de estágios curriculares, obrigatório ou não, respeitado o disposto na Lei nº 9.394, de 1996 e Lei nº 11.892, de 2008.

A1 – Vinculação, como docente, ao ensino tecnológico nos níveis técnicos, graduação e especialização do IFES.

A1-1 e A1-2. Vinculação como docente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico. Docente do Ensino de Graduação.

A2 – Vinculação, como docente, ao ensino tecnológico de pós-graduação *strito sensu* de IFES.

A2-1. Vinculação como docentes de cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

A4 – Orientação finalizada de Tese de Doutorado

A4-1 Doutorado em Estudos de Linguagens – João Paulo Xavier.

Letramento visual crítico e algumas percepções dos professores de inglês acerca do texto imagético nos livros didáticos (2019).

A6 – Orientação finalizada de Dissertação de Mestrado

Emerson Campos Gonçalves (2011)

Camila Gonzaga Pontes (2012)

Marta Aparecida Pereira da Rocha Costa (2012)

Pablo Guimarães de Araújo (2013)

Sara Oliveira Esteves Nunes (2013)

Carla Geralda Leite Moreira (2013)

Pollyanna de Moura Mattos Vecchio (2014)

Lourdes da Silva do Nascimento (2014)

Rafael Coelho dos Passos (2014)

Ludmylla Marina Souza Verly (2014)

Flávio Ernani da Costa (2014)

Luana Macieira Barbosa (2017)
Flávio José Vargas Pinheiro (2017)
Joubert Caetano Amaral (2017)
Adriana Rodrigues Gonçalves (2018)
Flávia Denise Pires de Magalhães (2018)
Lucas Mariano de Jesus (2019)
Gilberto Todescato Telini (2019)

A9 – Orientação (finalizada) de TCC

A9-1 O mercado editorial por Schiffrin, Thompson e por três-livreiros editores de Belo Horizonte, MG – Sara Franck Santana Oliveira Gomes (2015)

Grupo B – Atividades de Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, Produção Intelectual ou Artística

Atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação (PD&I), caracterizadas por: publicações externas (livros ou artigos) ou internas (artigos, relatórios de pesquisa); apresentação de trabalhos de pesquisa em eventos (nacionais ou internacionais); propriedade intelectual (patentes, registros); desenvolvimento de produtos ou processos (produtos e processos não patenteados, protótipos, softwares registrados e não registrados); trabalhos técnicos e consultorias; contratos de transferência de tecnologia e licenciamento; liderança de Grupo de Pesquisa; coordenação de projeto de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação; participação como membro de projeto de (PD&I); contemplado em editais de (PD&I) cooperativos com instituições parceiras; coordenação de núcleo de inovação tecnológica; captação de recursos em projetos de (PD&I) com instituições parceiras; coordenação de projetos de (PD&I) em parceria com outros institutos, universidades e centros de pesquisa.

B1 – Livro

B1-1 RIBEIRO, Ana E. Livro – edição e tecnologias no século XXI (Moinhos/Contafios, 2018)
B1-2 RIBEIRO, Ana E. Escrever, hoje – Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação (Parábola, 2018)
B1-3 RIBEIRO, Ana E., Mário Gonçalves. Minas GeoGráfica – casas editoriais mineiras séc. XX-XXI (Impressões/LED, 2019)
B1-4 RIBEIRO, Ana E. Renascença (Conceito, 2018)
B1-5 RIBEIRO, Ana E. Álbum (Relicário, 2018)
B1-6 RIBEIRO, Ana E. Dicionário de Imprecisões (Impressões de Minas, 2019)
B1-7 RIBEIRO, Ana E. Textos multimodais, leitura e produção (Parábola, 2016)
B1-8 RIBEIRO, Ana E. Xadrez (Scriptum, 2015)

B2 – Capítulo de livro

B2-1 RIBEIRO, Ana E. “Fases da leitura no século XXI: questões de multimodalidade de ‘poder semiótico’”. In: *Ensaio sobre leitura 3*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. P. 65-86.
B2-2 RIBEIRO, Ana E. “Textos multimodais e escola: produção e leitura de peças de divulgação de música popular”. In: *Educação, (multi)letramentos e tecnologias*. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 19-38.
B2-3 RIBEIRO, Ana E. e cols. “Tecnologias da edição no CEFET-MG: uma experiência de formação de bachareis em Letras”. In: *Mediação editorial: o que é? Quem faz?*. Bragança Paulista: Margem da Palavra, 2018. p. 267.
B2-4 RIBEIRO, Ana E. “Novas topografias, apenas ensaiadas, para o texto, o livro e a leitura”. In: *Leitura, literatura e linguagens: novas topografias textuais*. São Paulo: CDA, 2018. p.115-126.

B5 – Editoria de livros

B5-1 Minas GeoGráfica – casas editoriais mineiras séc. XX-XXI. LED/Impressões de Minas, 2019.

B6 - Artigo em periódico internacional

B6-1 RIBEIRO, Ana E. “Editoriales y editoras em Brasil, hoy. Dos casos contemporáneos, Chão da Feira y Relicário”. *Lectora*, v. 25, p.227-240, 2019.
B6-3 RIBEIRO, Ana E. “Publicar mulheres: três coleções de escritoras estrangeiras no Brasil, séc. XX-XXI”. *Amoxtli*, v. 2, p.47-55, 2019.

B6-3 RIBEIRO, Ana E. "Escrita e coautoria: uma contribuição aos estudos do letramento acadêmico". *Mélange Crapel*, n. 37, p.60-81, 2016.

B8 - Artigo em periódico nacional

B8-1 RIBEIRO, Ana E. "Do fosso às pontes: um ensaio sobre natividade digital, nativos jr. e descoleções". *Revista da ABRALIN*, v.18, p.1 – 24, 2019.

B8-2 RIBEIRO, Ana E. "Mulheres em revistas literárias mineiras: do modernismo às neovanguardas". *Graphos*, v.21, p.111-131, 2019.

B8-3 RIBEIRO, Ana E. "Boitempo Editorial e Ivana Jinkings: um quarto de século de uma editora de esquerda no Brasil". *Pontos de Interrogação*, v.9, p.201-226, 2019.

B8-4 RIBEIRO, Ana E. "O bibliógrafo digital: questões sobre a materialidade do livro no século XXI". *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.22, p.120-130, 2017.

B8-5 RIBEIRO, Ana E. "Palavra e criação, palavra e ação: livro, leitura e escrita em pauta". *Trem de Letras*, v.3, p.126-136, 2017.

B8-6 RIBEIRO, Ana E.; Verly "Capas de jornal e multimodalidade em dispositivos móveis: questões de layout e leitura". *Polifonia*, v.24, p.89-104, 2017.

B8-7 RIBEIRO, Ana E. "Literatura contemporânea brasileira, prêmios literários e livros digitais: um panorama em movimento". *Em tese*, v.22, p.122-138, 2016.

B8-8 RIBEIRO, Ana E. "Uma análise da matriz de referência e das provas do ENEM: multimodalidade em foco". *Diálogo das Letras*, v.5, p.11-30, 2016.

B8-9 RIBEIRO, Ana E. "Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação". *Linguagem e Ensino*, v.29, p.91-111, 2016.

B8-10 RIBEIRO, Ana E. "Questões de multimodalidade e produção de sentidos em charges sobre o programa Mais Médicos". *Letras*, v.20, p.49-71, 2016.

B8-11 RIBEIRO, Ana E. "Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.47, p.97-118, 2016

B8-12 RIBEIRO, Ana E. e Carvalho "Elementos para uma aproximação à prosa realista contemporânea de Sérgio Fantini". *Scripta*, v.20, p.197-213, 2016

BJ – Coordenação de projeto nacional ou regional

BJ-1 Termo de outorga projeto Fapemig Demanda Universal 001/2018, APQ 00021-18, "Mulheres editoras de livros literários em Minas Gerais: mapeamento e narrativas de trajetórias editoriais"

BM – Participação em Projeto Nacional ou Regional

BM-1 Termo de outorga projeto Fapemig Demanda Universal 001/2015, APQ 01747-15, "Leitura: modelos, suportes e tecnologias"

Grupo C - Extensão

Atividades de extensão, caracterizadas por: coordenação de cursos de extensão; coordenação de projeto de extensão; participação como membro de projeto de extensão; contemplado em editais de extensão cooperativos com instituições parceiras; trabalhos técnicos e consultorias, participação em projetos de desenvolvimento institucional, captação de recursos para projetos de desenvolvimento institucional; projetos de extensão tecnológica com instituições parceiras.

C3 – Coordenação de projeto local ou institucional

C3-1 Portaria 31/2020 DEDC, Projeto 7ª Festa de Linguagens e Ciência – FLIC7

C3-2 Termo de Concessão de Auxílio, 5 maio 2017, 5ª Festa de Linguagens e Ciência - FLIC 5

C3-3 Projeto 6ª Festa de Linguagens e Ciência – FLIC 6, 2018

C3-4 Portaria 314/19, 29 maio 2019, Aula Aberta, ação de extensão

C6 – Participação em projeto local ou institucional

C6-1 Plano de trabalho, Projeto cultural "Percurso narrativos: linguagens literária e cinematográfica", CEFET-MG, 2015

C6-2 Projeto PROEMJA, Centro Pedagógico UFMG, 2017

C6-3 Projeto CICLO de palestras e debates sobre cultura e lazer, Centro Pedagógico, UFMG, 2017

C6-4 Projeto Voos, ação e revolução cultural na EJA CP UFMG, 2017-2019

Grupo D – Exercício de cargos, representações, grupos de trabalhos e comissões

Exercício de cargos de direção e de coordenação (CD, FCC, FG); Representação em: conselho, câmaras, comitês de caráter permanente, sindicatos; Participação como membro em comissões ou Grupos de trabalho de caráter provisório; Participação como membro de comissões de caráter pedagógico (permanentes ou transitórias); Participação como membro de comissão de elaboração de Projeto Pedagógico de novos cursos (técnicos/graduação/pós-graduação).

D3 – CD3 – Diretorias

D3-1 Portaria DIR/CGAP 408/10, diretora de pesquisa e pós-graduação em substituição ao prof. Gray Farias Moita

D3-2 Portaria DIR/CGAP 489/11, diretora de pesquisa e pós-graduação em substituição ao prof. Gray Farias Moita

D5 – Participação como representante em colegiados especializados

D5-1 Portaria DIR/CGAP 780/08, Coordenadora Geral de Divulgação Científica e Tecnológica, FG1

D5-2-3 Portaria DIR/CGAP 618/11, Coordenadora Geral do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, FG1

D5-4 Portaria DIR/SGP 396/13, Coordenadora Geral do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, FG1

D5-5 Portaria DIR/SGP 404/14, Coordenadora Geral do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens, FG1

D6 – Participação em Colegiados de Cursos Regulares

D6-1 Portaria DIR 809/09, Colegiado do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens, Linha II

D6-2 Portaria DIR 748/11, Subcoordenadora do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens

D6-3 Portaria DIRGRAD 006/11, Coordenadora do eixo Prática de Produção, Edição e Revisão de Textos da Graduação em Letras

D6-4 Portaria DIR 226/12, Colegiado do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens, Linha II

D6-5 Portaria DIR 421/12, Colegiado do curso de Letras (titular)

D6-6 Portaria DIR 1053/14, Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

D6-7 Portaria DIR 589/17, Subcoordenadora pró-tempore do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

DC – Participação em Comissões ou grupos de trabalho temporários DG, CD, CEPE

DC-1 Portaria DIR 685/09, fiscal de contratos do CEFET-MG

DD – Coordenação/ Presidência de Comissões ou Grupos de Trabalhos temporários da DEPT, DIRGRAD, DPPG

DD-1 Portaria DIR 562/08, presidente da comissão organizadora do III Encontro Nacional sobre Hipertexto

DD-2 Portaria DIR 563/08, presidente da comissão elaboradora do projeto político-pedagógico do curso de Letras

DD-3 Portaria DPPG 002/09, Editora-em-chefe do conselho editorial da Revista Educação & Tecnologia

DD-4 Portaria DIR 481/10, presidente da comissão organizadora da 5ª Semana C&T CEFET-MG

DE – Participação em Comissões ou Grupos de Trabalhos temporários da DEPT, DIRGRAD, DPPG

DE-1 Portaria DIR 786/08, conselho editorial da Revista Educação & Tecnologia

DE-2 Portaria DIR 335/13, comissão examinadora das disciplinas do edital 42/2013 do processo seletivo simplificado DELTEC

DE-3 Resolução CEX 322/16, comissão de elaboração de edital de extensão

DE-4 Resolução COL Posling 39/12, comissão para elaboração do projeto de doutorado do POSLING

Grupo E – Aperfeiçoamento

Aperfeiçoamento: curso de licenciatura, curso de aperfeiçoamento na área de atuação, curso de curta duração (workshops, seminários, mostras, jornadas, treinamentos), participação em missão de trabalho (nacional ou internacional), pós-doutorado.

E1 – Curso de Licenciatura Concluído

E1-1 Diploma de licenciatura em Letras, UFMG, 1999

E2 – Outros cursos concluídos na área de atuação

E2-1 Escuela de Verano, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, “Diagnostico y debates en la edición contemporánea: una mirada socio historica”, 2017

E2-1 Instituto de Desarrollo Economico y Social, Argentina, “La edición argentina contemporánea: entre el Estado y el mercado”, 2017

E2-1 CuriousU Summer School, University of Twente, Holanda, “English for academic purposes”, 2017

E6 – Estágio Pós-Doutoral concluído

E6-1 PUC Minas, Comunicação Social, “Layout e leitura: multimodalidade, legibilidade e outras características de todo texto”, 2009-2010

E6-2 Unicamp, IEL, Linguística Aplicada, “Visualização de informações e letramento multissemiótico: relações entre leitura e alfabetismo gráfico entre alunos de ensino médio”, 2012-2013

E6-3 UFMG, Poslit, Estudos Literários, “Redes editoriais de escritoras mineiras no século XX. Cartas, conversações e publicações de Lúcia Machado de Almeida, Henriqueta Lisboa e Laís Corrêa de Araújo”, 2015-2016

Grupo F – Participação em bancas de avaliação

F1 – Participação em concurso de professor permanente

F1-1 Portaria 1288/08, UFSJ, membro de banca de examinadora para contratação de professor efetivo na área de Leitura e produção de textos

F1-2 Portaria 177/10, UFSM, comissão examinadora (secretária) para realização de concurso público para professor adjunto na área de Comunicação/Jornalismo e Editoração

F3 – Participação em banca de tese de doutorado

F3-1 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Carlos Frederico de Brito d’Andréa, intitulada “Processos editoriais auto-organizados na Wikipédia em português” – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FAE/UFMG – 30/09/2011.

F3-2 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Adilson Ribeiro de Oliveira, intitulada “Processos de referência, emergência de representações sociais e produção de sentido” – do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC Minas – 25/03/2011.

F3-3 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Francis Arthuso Paiva, intitulada “Habilidades de leitura e letramentos” – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FAE/UFMG – 27/05/2013.

F3-4 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Luciana Zenha Cordeiro, intitulada “Saberes na web” – do Programa de Pós-Graduação em Educação, FAE/UFMG – 12/07/2013.

F3-5 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Delia Ribeiro Leite, intitulada “O olhar do profissional: estudo do movimento ocular na leitura realizada por revisores de textos” – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FAE/UFMG – 14/03/2014.

F3-6 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Hejaine de Oliveira Fonseca, intitulada “Um estudo sobre a construção da identidade de estudantes no papel de leitores no curso de Letras a distância” – do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC Minas – 28/02/2014.

F3-7 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Carlos Henrique Silva de Castro, intitulada “As culturas do grupo Texto Livre” – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FAE/UFMG – 02/02/2015.

F3-8 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Alice Botelho Duarte, intitulada “Cadê a professora do Twitter?” – do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC Minas – 25/05/2015.

F3-9 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de André Luiz Covre, intitulada “A reinvenção do humano” – do Programa de Pós-Graduação em Linguística, IEL UNICAMP – 26/06/2014.

F3-10 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Maria Jacy Maia Velloso, intitulada “Práticas de letramento no contexto digital” – do Programa de Pós-Graduação em Educação, FAE/UFMG – 30/07/2015.

F3-11 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Georgia Geoglette Cordeiro Dantas, intitulada "A cultura informacional e participativa de fãs" – do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, ECI/UFMG – 11/11/2015.

F3-12 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Hermínia Maria Lima da Silva, intitulada "As práticas hiperestéticas em obras de conteúdo bíblico" – do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC – 23/09/2016.

F3-13 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Vânia Soares Barbosa, intitulada "Multimodalidade e letramento visual" – do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, UECE – 08/03/2017.

F3-14 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Marcus Guilherme Pinto de Faria Valadares, intitulada "Padrões emergentes de dominância linguística em português e inglês" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – 07/04/2017.

F3-15 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Fabíola Ribeiro Farias, intitulada "O leitor e a leitura revelados pela Retratos da Leitura no Brasil" – do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, ECI/UFMG – 16/02/2017.

F3-16 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Tâmara Lyz Milhomem de Oliveira, intitulada "Objetivo de leitura: Um caminho que se perdeu?" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – 01/11/2018.

F3-17 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Rodrigo Prates Campos, intitulada "Práticas de letramento digital" – do Programa de Pós-Graduação, IEL/UNICAMP – 27/11/2018.

F3-18 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Ana Elisa Costa Novais, intitulada "Metáforas digitais do cotidiano" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – 10/04/2018.

F3-19 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Dayse Garcia Miranda, intitulada "A multimodalidade no ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 13/12/2019.

F3-20 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Daiane Carneiro Pimentel, intitulada "Espacialidades no romance experimental brasileiro" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, FALE/UFMG – 26/04/2019.

F3-21 Membro da banca examinadora da Defesa de Tese de Doutorado de Marcos Racilan Andrade, intitulada "Jogos digitais, tecnologias móveis e aprendizagem de línguas" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 15/04/2019.

F4 – Participação em banca de qualificação de doutorado

F4-1 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de Luanda Thais Mendonça Santas, intitulada "Validação do teste de avaliação de letramento em saúde" – do Programa de Pós-Graduação em Saúde, UFJF – 11/10/2012.

F4-2 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de Francis Arthuso Paiva, intitulada "Competências para navegar em hipertexto digital multimodal com novas e antigas habilidades para a leitura de infográfico digital" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – 07/12/2012.

F4-3 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de Rubia Mara Bragagnollo, intitulada "O conceito de texto na perspectiva dos estudos de gêneros do discurso e dos estudos de letramento" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UNESP São José do Rio Preto – 07/10/2013.

F4-4 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de Alice Botelho Duarte, intitulada "(Re)pensando as práticas educacionais pelas tecnologias" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-MG – 20/10/2014.

F4-5 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de Marcos Celírio dos Santos, intitulada "Entre contos e hipercontos" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFMG – 06/08/2014.

F4-6 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de Ana Elisa Costa Novais, intitulada "Metáforas digitais do cotidiano" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – 03/04/2017.

F4-7 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de Tâmara Lyz Milhomem, intitulada "Objetivo de leitura: um caminho que se perdeu?" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – 14/12/2017.

F4-8 Membro da banca examinadora da Qualificação de Tese de Doutorado de João Paulo Xavier, intitulada "Letramento visual crítico" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 21/03/2018.

F5 – Participação em banca de dissertação de mestrado

F5-1 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Djamar Campos Terra, intitulada "Penso, blogo, existo" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Vale do Rio Verde – 10/04/2010.

F5-2 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de João Basílio Costa e Paula, intitulada "Podcasts educativos" – do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, CEFET-MG – 28/06/2010.

F5-3 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Daniele Cristina Mendes, intitulada "Navegando por entre trilhas digitais com velhas e novas gerações" – do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG – 30/06/2010.

F5-4 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Ana Márcia Abreu Martins de Paiva, intitulada "Letramento digital como prerrogativa social" – do Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Una – 28/04/2010.

F5-5 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Gilmar Luiz de Borba, intitulada "Usos das TIC nas práticas educacionais que visam intervenções incluindo o terceiro setor" – do Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Una – 09/12/2010.

F5-6 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Geandro Rocha, intitulada "Gêneros digitais: abordagem em livros didáticos de língua portuguesa das séries iniciais do ensino fundamental" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 15/12/2011.

F5-7 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Raquel Graciele Camargo, intitulada "Citação e atribuição de autoria no Twitter" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 09/12/2011.

F5-8 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Suelen Érica Costa da Silva, intitulada "Especificidades gráficas em bate-papos no Windows Live Messenger à luz da linguística" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 06/10/2011.

F5-9 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Marildes Caldeiras de Oliveira, intitulada "Letramento digital em contexto de formação de professores" – do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA – 14/06/2013.

F5-10 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Ranielle Santos de Azevedo, intitulada "Ler e navegar.gov.br" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG – 31/07/2013.

F5-11 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Fabíola Ribeiro Farias, intitulada "A leitura e a biblioteca pública compreendidas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas" – do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFMG – 10/05/2013.

F5-12 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Luana Teixeira de Souza Cruz, intitulada "Rota hipertextual baseada em Tags" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 15/10/2014.

F5-13 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Diêgo César Leandro, intitulada "Escrita colaborativa com Google Docs" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN – 04/12/2014.

F5-14 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Cristiane de Paula Bouzada, intitulada "A influência do feedback do professor no processo de revisão e reescrita textual" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFV – 30/04/2014.

F5-15 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Jacyra Gonçalves Fernandes, intitulada "O ensino de língua portuguesa nos cursos de graduação tecnológica" – do Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Una – 30/07/2014.

F5-16 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Daniela Rodrigues Dias, intitulada "Multiletramentos e usos das TDIC" – do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFOP – 30/03/2015.

- F5-17** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Ana Amélia Neubern Batista dos Reis, intitulada "Cecília Meireles e a Índia: uma experiência de tradução" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, FALE/UFMG – 22/01/2015.
- F5-18** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Leila Tupinambá Silva, intitulada "Redes sociais: possibilidades para desenvolvimento de práticas argumentativas" – do Programa de Mestrado Profissional em Letras Unimontes – 12/08/2015.
- F5-19** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Raphaelle Nascimento Silva, intitulada "Nas redes do romance" – do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA – 25/09/2015.
- F5-20** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Charles Marlon Porfírio de Souza, intitulada "A subjetividade em retalhos: a poesia de Rui Pires Cabral" – do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, USP – 18/04/2016.
- F5-21** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Fernanda Santana Gomes, intitulada "Formação docente e os desafios do letramento digital" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC Minas – 13/07/2016.
- F5-22** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Sandra Regina Ambrozio, intitulada "Escrita em meios digitais" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, MP, UFMG – 17/11/2016.
- F5-23** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Rosângela Soares dos Santos Souza, intitulada "Gamificação: contribuição para a produção de textos narrativos" – do Mestrado Profissional em Letras, Unimontes – 30/11/2016.
- F5-24** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Fabíola Anita Romero Gomes, intitulada "Letramento digital e informacional de estudantes do ensino médio no uso do telefone celular" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 23/11/2016.
- F5-25** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Cláudia Maria de Serrão Pereira, intitulada "O processo de constituição do livro Dois Irmãos" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, UFSCar – 15/03/2017.
- F5-26** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Jeferson Muniz Alves Gracioli, intitulada "Multiletramentos e leitura de mapas no ensino de Geografia" – do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFTM – 16/02/2017.
- F5-27** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Selma de Souza Andrade, intitulada "Palavras, imagem e pensamento: infografia" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 12/04/2017.
- F5-28** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Ana Carolina Correia Almeida, intitulada "Navegação em ambientes digitais" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC Minas – 24/03/2017.
- F5-29** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Raissa Pereira Baptista, intitulada "O design gráfico editorial na literatura infantil" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 23/06/2017.
- F5-30** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Cláudia Ribeiro Rodrigues, intitulada "Infografia como estratégia para ensino de leitura e de escrita de textos multimodais" – do Programa de Pós-Graduação em Letras, MP UFMG – 07/02/2018.
- F5-31** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Amanda Aparecida Chierregatti, intitulada "Mídium e gestão dos espaços canônico e associado nas plataformas colaborativas Wattpad e Widbook" – do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSCar – 09/03/2018.
- F5-32** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Suzanne Silva Rodrigues de Moraes, intitulada "Tecnologias digitais da informação e comunicação e o ensino de língua portuguesa na rede municipal de Divinópolis/MG" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 05/04/2018.
- F5-33** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Richard Plácido Pereira da Silva, intitulada "Inventar o mapa: a sintaxe da fuga de Carol Rodrigues em Sem vista para o mar" – do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, UFAL – 19/12/2018.
- F5-34** Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Giulia Sampaio Piazzi, intitulada "Bolas de papel e jogadas editoriais" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 25/06/2018.

F5-35 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Bianca Damas Pereira, intitulada "Investigação das interações de licenciandos de Química com a hiperídia" – do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSJ – 27/02/2019.

F5-36 Membro da banca examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado de Amanda Inês Viana, intitulada "Aprendizagem de inglês como língua estrangeira por design-desenvolvimento de multiletramentos" – do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG – 25/03/2019.

Grupo G – Participação como editor/revisor de revistas, indexadas ou internas

Participação como editor/revisor de revistas, indexadas ou internas;

G3 – Revisão de artigo para periódico ou congresso nacional

G3-1 Revisão de artigo para a Revista "Revista do Gel", GEL SP, 2015.

G3-2 Revisão de artigo para a Revista "Scripta", PUC Minas, 2015.

G3-3 Revisão de artigo para a Revista "Signum", UEL, 2015.

G3-4 Revisão de artigo para a Revista "Comunicação Midiática", UNESP, 2016.

G3-5 Revisão de artigo para a Revista "Diálogo das Letras", UERN, 2016.

G3-6 Revisão de artigo para a Revista "Diálogo das Letras", UERN, 2016.

G3-7 Revisão de artigo para a Revista "InTexto", UFRGS, 2016.

G3-8 Revisão de artigo para a Revista "Linguagem em Discurso", Unisc, 2016.

G3-9 Revisão de artigo para a Revista "Linguagem em Discurso", Unisc, 2016.

G3-10 Revisão de artigo para a Revista "Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea", UnB, 2017.

G3-11 Revisão de artigo para a Revista "Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos", INEP, 2017.

G3-12 Revisão de artigo para a Revista "Trabalhos em Linguística Aplicada", Unicamp, 2016.

G3-13 Revisão de artigo para a Revista "Diálogo das Letras", UERN, 2017.

G3-14 Revisão de artigo para a Revista "ETD – Educação Temática Digital", Unicamp, 2017.

G3-15 Revisão de artigo para a Revista "ETD – Educação Temática Digital", Unicamp, 2017.

G3-16 Revisão de artigo para a Revista "ETD – Educação Temática Digital", Unicamp, 2017.

G3-17 Revisão de artigo para a Revista "Letras em Revista", UESPI, 2017.

G3-18 Revisão de artigo para a Revista "Linguagem em Foco", UECE, 2017.

G3-19 Revisão de artigo para a Revista "Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos", INEP, 2017.

G3-20 Revisão de artigo para a Revista "Diálogo das Letras", UERN, 2018.

G3-21 Revisão de artigo para a Revista "Revista da ANPOLL", 2018.

G3-22 Revisão de artigo para a Revista "Diálogo das Letras", UERN, 2018.

G3-23 Revisão de artigo para a Revista "Em Tese", UFMG, 2018.

G3-24 Revisão de artigo para a Revista "Letras em Revista", UESPI, 2018.

G3-25 Revisão de artigo para a Revista "Scripta", PUC Minas, 2018.

G3-26 Revisão de artigo para a Revista "Polifonia", UFMT, 2019.

G3-27 Revisão de artigo para a Revista "Matrizes", USP, 2019.

G3-28 Revisão de artigo para a Revista "Polifonia", UFMT, 2019.

G3-29 Revisão de artigo para a Revista "Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea", UnB, 2019.

G3-30 Revisão de artigo para a Revista "Reunião da SBPC", UF Sul da Bahia, 2016.

G3-31 Revisão de artigo para a Revista "Compós", seleção de trabalhos, 2017.

G3-32 Revisão de artigo para a Revista "Reunião SBPC", Alagoas, 2018.

Grupo H – Organização de eventos, prêmios em concursos e competições como orientador de alunos

Participação na organização de congressos, workshops, seminários, mostras, palestras e conferências, prêmios em concursos e competições como orientador de alunos.

H2 – Organização de evento nacional ou regional

H2-1 Membro da Comissão organizadora do II Encontro Nacional sobre Hipertexto, UFCeará, 2007.

H2-2 Membro da Comissão organizadora do IV Fórum Nacional sobre a Formação e a Atuação Profissional do Revisor de Textos. CEFET-MG, PUC Minas, 2019.

H3 – Organização de evento local ou institucional

H3-1 Membro da comissão organizadora da XXI Mostra Específica de Trabalhos e Aplicações – META; V Semana de Ciência e Tecnologia, CEFET-MG, 2009.

H3-2 Membro da Comissão organizadora do Desenhando Futuros nas Linguagens: um tributo do PPG Estudos de Linguagens do CEFET-MG a Gunther Kress. CEFET-MG, 2019.

H5 – Prêmio acadêmico nacional ou regional

H5-1 Prêmio de Teses UFMG, Linguística, 2009.